



**A MULHER E O ESPORTE**  
**A EXPERIÊNCIA DOS MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO E**  
**DE SÃO PAULO**

**TEXTO RESUMO**

**AGOSTO 2007**

# **A MULHER E O ESPORTE**

## **A EXPERIÊNCIA DOS MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO E DE SÃO PAULO**

**Execução**  
Instituto Noos  
de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais

**Secretário Executivo do Instituto Noos**  
Carlos Eduardo Zuma

**Apoio**  
Nike  
Fundação Ford

**Coordenação Geral**  
Maria Augusta Pessanha

**Consultoras responsáveis pela pesquisa**  
Marina Sidrim Teixeira  
Coordenação operacional no Rio de Janeiro, facilitação dos Grupos,  
dados qualitativos e redação do relatório.

Fanny Elisabete Moore  
Coordenação operacional em São Paulo, relatoria dos Grupos  
e dados quantitativos

**Assistentes de Pesquisa**  
Júlia Proença  
Sonia Maria Ferreira Dreyfuss  
Maria Ester Catarino de Oliveira

**Apoio de gravação**  
Júlia Proença, Eduardo d'Ávila e  
Ângela Catarino de Oliveira

**Apoio administrativo**  
Juliana Rodrigues

**Transcrição das gravações**  
Beth Serviços

**Digitação**  
David Bevilacqua  
Márcia Alkmim

**Revisão do Texto**  
Rodrigo Rosa Azevedo

## Lista dos participantes dos Grupos Focais<sup>1</sup> de técnicos e de atletas<sup>2</sup>

Rio de Janeiro	São Paulo
<b>Atletas</b>	
Ágata de Almeida Esteves	Adriana Carmo Silva
Carolina Mourão	Ana Caroline C. Viana Pinto
Fabíola dos Santos Cardoso Alves	Andréia Romanovski
Giullia Rodrigues	Carla Rayanne Francisco Silva
Helena Brunharo	Danielle Cristine dos Santos
Juliana Fourny	Gabriela Cardoso Santana
Maria Clara Sousa e Mello	Gabriela Menezes da Silva
Patrícia Lopes	Giovanna Pedrosa Arriente
Poliana Mendes da Silva	Gláucia Regina Martins Nardi
Tammy Galera Takagi	Karen Assis Rufino
Thayane Silva dos Santos	Karen Lie Fukumoto
	Michelle Keyne Alves
	Nathalia Pieroni
	Nayara Santos Melo
	Tamires Silva da Conceição
	Vivian Pauli Lopes Zenedin
<b>Técnicos(as), treinadores(as), professores(as), responsáveis por projetos sociais</b>	
Alessandro Celano Garcia	Cleize Magalhães Lopes
Alexandre Coelho Gonçalves	Cristina Rodrigues de Oliveira
Alexandre Mathias	Everaldo Cortes do Carmo
Benilton Alves Barbosa	Flávia Campos Carvalho da Mota
Ceia Gomes	Henrique Carlos Serra Azul Guimarães
Claudia Regina Sahb Freire	Joanilson Rodrigues
David Wagner	Karina Passanante Orlandin
Francisco das Chagas Oliveira	Leilson Tetsuya Tamashiro
Luciana Alves Rodrigues	Patrick Fleury
Luciana Dias	Ricardo Aparecido de Oliveira
Marcos Roberto Mendonça M. Coutinho	Rodrigo Malcov Borba Henrique
Marielle Maciel Mendes	Shirlei Baptista
Solange Chagas do Valle	Silvana Maria Silva

<sup>1</sup>Na técnica de Grupos Focais são mencionados apenas os nomes dos participantes dos grupos quando isto é considerado relevante pelos próprios participantes. Nesta pesquisa, técnicos, professores, treinadores, árbitros, responsáveis por projetos sociais e atletas desejaram e autorizaram a menção aos seus nomes neste relatório.

<sup>2</sup> Não se ignora o fato de que a língua portuguesa, por generalizar no masculino, contribui culturalmente para a “invisibilidade” feminina e para a manutenção dos estereótipos de gênero. No entanto, optou-se neste relatório pela utilização da duplicidade de expressão de gênero na forma “o(a)” somente quando a palavra está no singular; no plural, seguimos a norma padrão da língua com a generalização no masculino. Tal opção deveu-se por ser um texto que será vertido para o inglês e que, ao não respeitar as regras da língua, poderia confundir leitores e tradutores.

*“Ainda hoje, é muito difícil ser atleta – em qualquer modalidade, o esporte de alto nível exige superação e sacrifício. E mais difícil ainda é ser atleta no Brasil. E ainda mais ser mulher, atleta e brasileira. Mas surge uma nova campeã a cada dia para mostrar a poderosa força feminina. Devemos guardar aplausos para todas as mulheres no Pan 2007: são mulheres – mesmo que não sejam estrelas ou campeãs – que merecem os pódios e as medalhas, por tudo que viveram para chegar até lá”.*

Oscar Valporto

## Sumário

Introdução.....	6
Planejamento e operacionalização da pesquisa.....	6
Suporte conceitual e valorativo da pesquisa .....	10
Contextualização .....	11
Principais achados da pesquisa .....	16
A motivação das meninas para a prática do esporte.....	16
Fatores facilitadores da prática esportiva .....	21
Fatores dificultadores da prática esportiva.....	23
Sugestões apontadas para melhorar as condições da prática esportiva.....	30
Temas que ganharam destaque nos diversos grupos.....	33
➤ A importância da mídia (para o bem e para o mal).....	33
➤ A importância do “espelho” .....	34
➤ Contraposição do esporte como construção da cidadania ao esporte competitivo.....	35
➤ A importância do apoio da família (para o bem e para o mal).....	36
➤ A importância do papel do técnico.....	37
➤ A importância do estudo paralelamente ao esporte.....	38
➤ A importância do “grupo”, das amizades e das “boas companhias” .....	38
➤ Apoio da equipe <i>versus</i> competitividade .....	38
➤ As atletas e os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro .....	39
➤ A importância da escola no encaminhamento da vida esportiva .....	40
➤ A importância dos clubes para a continuidade da vida esportiva .....	40
➤ Vantagens e desvantagens do esporte .....	41
Existência de estereótipos de gênero no esporte: um tema transversal.....	42
Bibliografia.....	46

## Introdução

O projeto A Mulher e o Esporte – a experiência dos municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo é um projeto de pesquisa inspirado em resultados colhidos em pesquisa internacional que constatou que grande parte das mais bem sucedidas executivas americanas havia praticado esporte na sua infância e/ou adolescência, fazendo crer que a prática da atividade esportiva traria ganhos pessoais em níveis profissionais que em muito transcendiam à prática esportiva em si<sup>3</sup>.

### Planejamento e operacionalização da pesquisa

Durante a etapa de planejamento da presente pesquisa, ocorreram conversações entre o Noos e a Nike – ao nível de coordenação –, reuniões de equipe e a leitura e sistematização do material disponível sobre o tema. O cumprimento de tais etapas prévias permitiu a formulação, a consolidação e a aprovação de uma proposta de operacionalização que continha os principais pontos acordados.

Ficou acertado que o projeto seria viabilizado em duas etapas: a primeira delas, de cunho exploratório e operacional para a segunda, seria uma *pesquisa institucional* visando a localização das instituições de interesse e a aplicação de uma ficha para registro de informações básicas sobre elas. O objetivo seria o de identificar as instituições em que houvesse a participação feminina no esporte e ver de que informações dispõem, de maneira a colher subsídios para a segunda etapa – a pesquisa qualitativa – que se constituiria no foco principal do projeto. Buscar-se-ia principalmente: identificar quais esportes deveriam ser incluídos e, principalmente, como chegar a indicações nominais para compor um cadastro de participantes em potencial dos Grupos Focais.

A segunda etapa constituir-se-ia na pesquisa propriamente dita e seria um *mapeamento de percepções* das pessoas vinculadas de alguma forma às instituições investigadas na primeira etapa da pesquisa, no que concerne a questões centrais propostas para a investigação.

Para a segunda etapa do projeto ficaram acordados os seguintes parâmetros<sup>4</sup>:

- *Público-alvo da pesquisa*: atletas profissionais, amadoras e participantes de projetos sociais com idade entre 12 e 18 anos<sup>5</sup>; técnicos, professores, árbitros e responsáveis por projetos sociais que utilizam o esporte como forma de inclusão; pais, mães e responsáveis por atletas; e não-atletas – adolescentes com perfil socioeconômico semelhante ao das atletas, porém, atualmente, não-praticantes de esportes.

---

<sup>3</sup> New Nationwide Research Finds: Successful Women Business Executives Don't Just Talk a Good Game...They Play(ed) One. <http://www.massmutual.com/mmfg/pdf/boardroom.pdf>

<sup>4</sup> Alguns dos parâmetros originais sofreram alteração no início da execução do projeto, mas as mudanças foram consideradas apenas ajustes que não descaracterizavam a proposta acordada. Assim, já estão sendo descritos aqui os parâmetros que de fato nortearam a realização do trabalho de campo.

<sup>5</sup> Definidos como adolescentes pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

- *Área geográfica definida para a pesquisa:* os municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo.
- *Modalidades esportivas incluídas na pesquisa:* aquelas definidas como olímpicas, a saber:

**Quadro 1**  
**Esportes olímpicos**

Arco e flecha	Lutas
Atletismo	Natação
Badminton	Natação Sincronizada
Basquete	Pentatlo Moderno
Beisebol	Pólo Aquático
Boxe	Remo
Canoagem	Saltos Ornamentais
Ciclismo	Softbol
Esgrima	Taekwondo
Futebol	Tênis
Ginástica Artística	Tênis de Mesa
Ginástica Rítmica	Tiro Esportivo
Handebol	Trampolim Acrobático
Hipismo	Triatlo
Hóquei sobre Grama	Vela
Judô	Vôlei
Levantamento de Peso	Vôlei de Praia

Fonte: IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais - Perfil dos Municípios Brasileiros, Esporte 2003 - Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

- *Dimensões da prática esportiva incluídas na pesquisa:* todas as dimensões da prática esportiva, tal como definidas na Lei Pelé (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990): esporte de rendimento (amador e profissional), esporte e lazer (que inclui o esporte como inclusão social) e esporte educacional.
- *Objetivos gerais da pesquisa:*
  - ⇒ Levar os participantes dos Grupos Focais da pesquisa a refletir sobre as possibilidades de inserção e permanência de mulheres nas atividades esportivas.
  - ⇒ Identificar se os diversos atores envolvidos na prática/não-prática esportiva ouvidos pela pesquisa percebem diferenças entre homens e mulheres na prática esportiva em função da existência de estereótipos de gênero.
  - ⇒ Subsidiar a formulação de políticas públicas que possam beneficiar a prática esportiva das mulheres em qualquer dimensão e em qualquer modalidade.

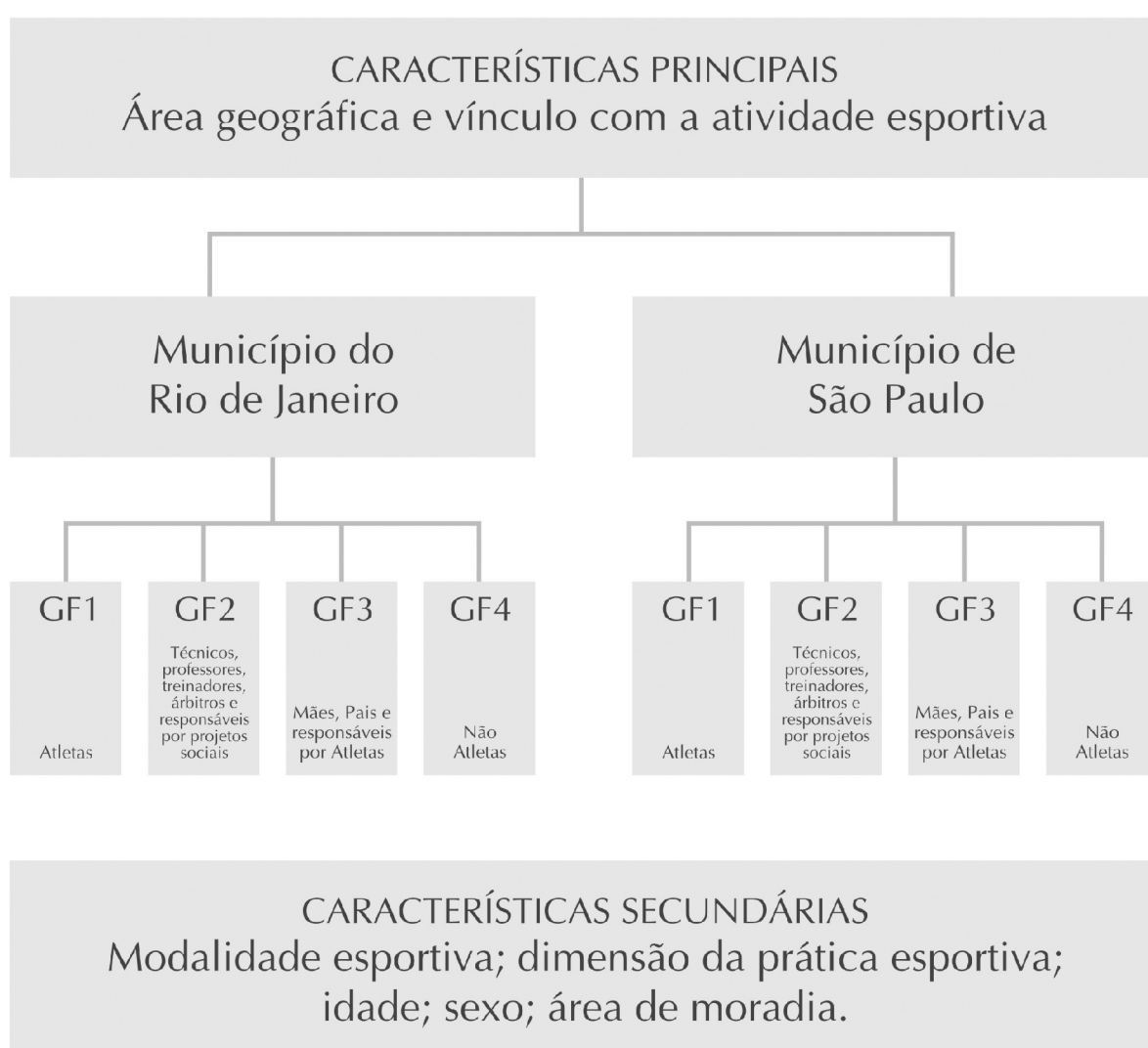
- *Questões centrais que se propõe a investigar:*
  - ⇒ Qual a motivação das mulheres para a prática do esporte?
  - ⇒ Quais os fatores percebidos como dificultadores para a inserção e permanência da mulher no esporte?
  - ⇒ Quais os fatores percebidos como facilitadores para a inserção e permanência da mulher no esporte?
  - ⇒ Quais as sugestões para incentivar a participação feminina no esporte?
- *Metodologia:* mista, com predominância da qualitativa, utilizando-se de Grupos Focais (GFs) realizados nos dois municípios-alvo da pesquisa e aplicando-se fichas de levantamento de perfil socioeconômico e de identificação da atividade esportiva a todos os participantes.
- *Característica principal para a formação dos grupos:* é aquela que determina o número de GFs a serem realizados e que estabelece o nível no qual as comparações podem ser feitas na análise. Foram estabelecidas como sendo o município de moradia dos participantes e o tipo de vínculo que mantêm com a atividade esportiva.<sup>6</sup> A seleção dos participantes dos GFs seria feita de forma a garantir o máximo de heterogeneidade na composição dos grupos, respeitando as variáveis consideradas relevantes (características secundárias da pesquisa). A intenção é “dar voz” à diversidade presente no universo a pesquisar. O gráfico a seguir mostra o “desenho” final do painel da pesquisa:

---

<sup>6</sup> Cabe aqui uma observação que é válida para toda a análise do material qualitativo coletado na pesquisa: como mencionado, pela metodologia de pesquisa que utiliza como técnica os Grupos Focais, a comparabilidade das informações é possível ao nível das características principais. Ou seja, no caso desta pesquisa, ao nível das unidades geográficas que sediaram os grupos (que são as de moradia dos participantes) e do tipo de vínculo (ou não vínculo) dos participantes com a prática esportiva em suas diversas modalidades. É exatamente isso que será feito. Contudo, será impossível deixar de mencionar algumas vezes (talvez muitas) detalhes que são específicos de uma determinada modalidade esportiva representada nos grupos como característica secundária. Tal procedimento não se constitui numa impropriedade metodológica no caso de diferenciações relevantes, ainda que não seja usual.

**Figura 1 – Estrutura da pesquisa qualitativa**

PESQUISA “A MULHER E O ESPORTE -  
A EXPERIÊNCIA DOS MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO E DE SÃO PAULO”



## Suporte conceitual e valorativo da pesquisa

Compartilhando a idéia da impossibilidade de uma atuação neutra do pesquisador no exercício de suas funções, dentre as várias alternativas existentes para contornar este fato, opta-se aqui por explicitar os conceitos/valores que estão norteando a pesquisa:

- Considera-se *gênero* “um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo”. (HEILBORN, 1995, p. 9) A idéia é a de que existem diferenças e desigualdades entre os sexos, que nada têm de naturais ou essenciais, e que são o cerne do “gênero” como construção cultural e social do feminino e do masculino em um dado momento e em uma dada sociedade. Tal concepção é relacional e implica em mutabilidade, multiplicidade e distribuição desigual de poder. Aqui se considera um valor positivo a desnaturalização dessas diferenças por entender-se que isto possibilitaria a construção de relações mais equitativas entre homens e mulheres, tidas como desejáveis.
- “Os estereótipos baseiam-se em crenças, idéias preconcebidas e expectativas com as quais se avalia o comportamento das pessoas. Os estereótipos de gênero são responsáveis pelo trato diferenciado a que são submetidos mulheres e homens, desde o início da infância, por parte dos responsáveis pela sua socialização. Respondem a diferentes características em épocas distintas o que permite supor que não são tão imutáveis como às vezes são descritos. Isso reforça a idéia de que funcionam também como controle social. Sustentar estereótipos é manter fixos os papéis de homens e mulheres.” (MIRANDA e ANTUNEZ, 2006, p. 1)
- Considera-se que “o *esporte* é um meio social capaz de produzir e reproduzir valores, símbolos e representações de determinados contextos culturais”. (ALMEIDA, 2006, p. 1)
- Está sendo entendido como *modalidade esportiva* “a materialização/objetivação da prática social do esporte em prática corporal de movimento, dotada de significado historicamente construído. É a prática propriamente dita do Futebol, Basquetebol, voleibol e demais modalidades”. (IBGE, 2006, p. 164)
- Estão sendo consideradas na pesquisa as três *dimensões da prática esportiva* em qualquer modalidade, assim definidas:
  - ⇒ “*Esporte de rendimento*: esporte organizado em nível internacional, pela adoção de sistemas de regras e códigos da prática esportiva (nacionais e internacionais) que devem ser aceitos e observados, e caracterizado pela busca de resultados em competições. O esporte de rendimento pode ser praticado de modo profissional, com remuneração pactuada entre o atleta e a entidade de prática desportiva; ou de modo não-profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo

permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio.” (IBGE, 2006, p. 164)

⇒ *Esporte educacional*, “praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer. (...)” (Lei nº 9.615/98, conhecida como Lei Pelé).

⇒ “*Esporte e lazer*: esporte praticado de modo voluntário, compreendendo as modalidades esportivas que têm por finalidade contribuir para a integração plena dos praticantes na vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente.” (IBGE, 2006, p. 163)

Finalmente, entende-se como um dos *direitos dos participantes dos grupos* o acesso aos resultados do trabalho, fruto indissociável de sua participação voluntária e desinteressada (muitas vezes emocionada) nas atividades da pesquisa. Tal acesso pode ser garantido não só pela divulgação das conclusões de forma ampla e democrática como também pelo empenho para que os resultados cheguem às autoridades competentes para que haja uma possibilidade de incorporação de algumas de suas sugestões e anseios em políticas públicas para o setor do esporte.

## **Contextualização**

Foram ouvidas no período de 19/04/2007 a 02/05/2007 ao todo 103 pessoas entre técnicos, treinadores, professores, árbitros, responsáveis por projetos sociais que utilizam o esporte como via de inclusão social, responsáveis por atletas, as próprias atletas e, como contraponto, adolescentes do mesmo sexo e da mesma faixa etária que não praticam esporte. As entrevistas foram realizadas em 8 grupos (4 em cada cidade) homogeneamente organizados segundo o seu vínculo (ou não-vínculo) com o esporte. Em todos os grupos seguiu-se basicamente o mesmo roteiro de questões, mas, mesmo assim, os temas abordados ganharam ênfases diferenciadas em cada grupo, e outros temas emergiram como relevantes independentemente de sua inserção na pauta de discussão.

Os quadros 2 e 3 sinalizam o tom dominante em cada grupo e comparam as principais características dos participantes dos grupos nas duas cidades.

**Quadro 2**  
**Tom dominante nos GFs**  
**Municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo**

Técnicos, treinadores, professores, árbitros e responsáveis por projetos sociais.	Mães, pais e responsáveis por atletas	Atletas	Não-atletas
<b>Tom dominante dos grupos no Rio de Janeiro</b>			
GF longo e de falas fluentes, interessadas e polêmicas, com muita ênfase nos fatores que no momento atuam como desmotivadores para a prática do esporte.	GF intenso e voltado, desde as falas de apresentação, para as dificuldades enfrentadas pelas atletas e pelas diferentes possibilidades das famílias de ajudá-las a superar.	GF muito dinâmico, no qual as atletas demonstraram maturidade e reflexão sobre sua prática esportiva.	GF de poucas e lacônicas falas, demonstrando que o esporte não é um tema cotidiano na vida das participantes. Constituiu-se em importante contraponto ao GF das atletas.
<b>Tom dominante dos grupos em São Paulo</b>			
GF longo e composto por pessoas extremamente voltadas para a prática do esporte, para uma reflexão sobre esta prática, visando sobretudo a melhoria de suas condições na cidade de São Paulo.	GF marcado pela presença de casais, pessoas muito disciplinadas em suas falas, que quase sempre se circunscreviam aos temas postos em discussão em cada momento. Participaram da discussão com grande envolvimento.	GF composto por atletas muito jovens, que tinham muito a dizer, mas se ressentiram da sua insegurança e timidez para se colocar. Estimuladas, produziram ótimas informações para a pesquisa.	GF de poucas e lacônicas falas, refletindo a juventude e imaturidade das participantes, além de poucas reflexões prévias sobre um tema que não era o seu. Muito útil no levantamento de diferenciações de gênero.

Fonte: Pesquisa A mulher e o esporte. Instituto Noos/Nike, 2007.

**Quadro 3**  
**Comparação de algumas das principais características dos participantes**  
**Municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo**

<b>Técnicos, treinadores, professores, árbitros e responsáveis por projetos sociais.</b>	<b>Mães, pais e responsáveis por atletas</b>	<b>Atletas</b>	<b>Não-atletas</b>
Nas duas cidades, o grupo foi mais masculino: 53,8% de homens em ambos os casos.	Nas duas cidades o grupo foi mais feminino. No Rio, o percentual de mulheres foi de 71,4% e superou o de São Paulo (66,7%).	Somente mulheres.	Somente mulheres.
Os técnicos do Rio apresentaram idade média de 36,2 anos, superior a de seus pares em São Paulo (32,5 anos).	As idades médias ficaram próximas: no Rio ela foi um pouco superior (45,4) a de São Paulo (44,3).	O Grupo do Rio apresentou idade média mais elevada (16,2 anos) que o de São Paulo (14,9).	O Grupo do Rio foi o mais jovem de todos, com idade média de 13,9 anos. Em São Paulo a idade média foi 14,6 anos.
Nas duas cidades, a maioria dos participantes estava trabalhando. No Rio, 100%, e em São Paulo, 92,3%.	Nas duas cidades, a maioria dos participantes estava trabalhando. No Rio o percentual foi maior (78,6%) que em São Paulo (66,7%).	A maioria das participantes nunca trabalhou.	A maioria das participantes nunca trabalhou.
Para os dois grupos predominou o nível superior completo, com maior frequência para o Rio (69,2%). Em São Paulo foi de 53,8%.	São Paulo apresentou nível de escolaridade mais elevado (superior completo) que o Rio (fundamental incompleto).	Ambos os grupos apresentaram maior incidência no nível médio incompleto, com percentual mais elevado no Rio (58,3).	A maior proporção foi a referente ao nível fundamental incompleto, nas duas cidades.
A renda pessoal média em São Paulo foi de R\$2.991,40, superior à do Rio (R\$2.391,80).	A renda pessoal média em São Paulo foi de R\$ 2.740,90, muito superior à do Rio (R\$ 1.216,83).		
Esportes de prática atual: No Rio, atletismo, futebol, handebol, remo, taekwondo e vôlei. Em São Paulo, atletismo, futebol, ginástica artística, handebol, judô, lutas, vela e vôlei.	Esporte de prática atual: no Rio, ginástica artística e futebol. Em São Paulo, futebol, natação e tênis.	Esporte de prática atual: no Rio, atletismo, basquete, futebol, judô, natação, saltos ornamentais, tênis e vôlei. Em São Paulo, atletismo, basquete, futebol, handebol, judô, lutas, natação, vôlei e vôlei de praia.	

<b>Técnicos, treinadores, professores, árbitros e responsáveis por projetos sociais.</b>	<b>Mães, pais e responsáveis por atletas</b>	<b>Atletas</b>	<b>Não-atletas</b>
Tempo médio de prática do esporte atual: 18,5 anos no Rio e 13,9 em São Paulo		Tempo médio de prática do esporte atual: 5,5 anos no Rio e 3,4 em São Paulo	
No Rio houve maior incidência de confederados (54,5%) e de federados (50,0%).		No Rio houve maior incidência de federadas (50,0%) e de confederadas (45,5%).	
No Rio predominou o esporte de rendimento não-profissional e em São Paulo o esporte educacional.	Nas duas cidades predominou a dimensão esporte e lazer.	No Rio predominou o esporte de rendimento profissional e em São Paulo o esporte de rendimento não-profissional e o esporte e lazer.	

Fonte: Pesquisa A mulher e o esporte. Instituto Noos/Nike, 2007.

Ainda que as pesquisas que utilizam metodologias qualitativas sejam mais voltadas para a compreensão que para uma possível generalização de suas conclusões, estas se revelaram condizentes com as obtidas em diversos outros estudos já realizados na temática, nacional e internacionalmente. A aparente reduzida abrangência geográfica do universo pesquisado justifica-se plenamente não só pelos propósitos qualitativos do estudo como também pela representatividade dos municípios pesquisados tanto ao nível social e econômico como no âmbito dos esportes no Brasil, como exposto de forma sintética a seguir:

- *Participação na população do Brasil e do Sudeste:* a população dos municípios selecionados para a realização da pesquisa, Rio de Janeiro e São Paulo, representava em 2000<sup>7</sup>, 3,4% e 6,1% da população total do Brasil. Tomando-se como parâmetro a Região Sudeste, os percentuais se elevam para 14,4% (São Paulo – SP) e 8,1% (Rio de Janeiro – RJ). E considerando a população conjunta dos dois municípios estudados, a proporção de cobertura da população do país passa a ser 9,5% e a da Região Sudeste, 22,5%. Esses resultados evidenciam a importância, em termos demográficos, das áreas geográficas investigadas na pesquisa.
- *Participação da população adolescente feminina no Sudeste e no Brasil:* realizado o recorte da população de estudo, ou seja, mulheres adolescentes de 12 a 18 anos de idade, observamos que residiam no município do Rio de Janeiro, em 2000, 2,7% delas, e no município de São Paulo, 5,4%. Se agregadas, elas representavam 8,1% (1.008.508) da população feminina

<sup>7</sup> IBGE, Censo Demográfico 2000, Resultados do universo.

dessa faixa etária existente no Brasil em 2000. As mulheres desse mesmo grupo de idade, residentes nos dois municípios, correspondiam a 20,8% de seus pares da Região Sudeste.

- *Importância da quantidade e qualidade de pessoal envolvido ao nível municipal e estadual público: em 2003*<sup>8</sup>, uma parte substancial dos 63.969 técnicos ocupados na área de esportes e pertencentes à esfera estadual atuava na Região Sudeste (48,1%). Do total da região, 95,6% deles se dedicavam ao esporte educacional e 91,2% eram professores e profissionais graduados em Educação Física. Observando a quantidade de técnicos dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, nota-se a predominância numérica do primeiro, 13.921 e 6.888, respectivamente. Dentre os técnicos do estado do Rio de Janeiro, foram observadas duas características que os diferenciaram dos técnicos do estado de São Paulo: a atuação em outras dimensões do esporte – 11% no esporte e lazer e 3,4% no esporte de rendimento – e o expressivo percentual de profissionais não-graduados (18,9% do total). Em São Paulo (estado), 97,7% desempenhavam suas funções no esporte educacional e 99,1% eram graduados em educação física.

Os resultados da esfera municipal<sup>9</sup>, também para o ano de 2003, apresentaram uma inversão na quantidade de técnicos atuantes na área de esportes existentes nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, 5.912 e 2.362, respectivamente, quando comparados com a verificada nos respectivos estados, na esfera estadual. Apesar de ter uma população bem menor que a da cidade de São Paulo em 2000, o município do Rio de Janeiro possuía proporcionalmente mais escolas do ensino fundamental pertencentes à esfera municipal (88,8%), enquanto em São Paulo (cidade) a maioria delas pertencia à esfera estadual (69,1%). Nas duas cidades, os técnicos se dedicavam mais ao esporte educacional, 69,5% em São Paulo e 56,2% no Rio de Janeiro, e todos eram graduados em educação física. Entretanto, a significativa proporção de técnicos que atuavam em outras dimensões do esporte como o esporte e lazer (40,2% no Rio de Janeiro e 29,1% em São Paulo) e o esporte de rendimento (3,4% no Rio de Janeiro) foi uma característica específica dessa esfera. Um outro aspecto, que também merece destaque, é a qualificação dos técnicos dedicados ao esporte e lazer; nos dois municípios predominaram os profissionais não-graduados: 53% em São Paulo e 52,7% no Rio de Janeiro.

- *Importância da existência de equipamentos esportivos: o número de equipamentos esportivos (conjunto de instalações) existentes no Brasil na esfera estadual parece reduzido se consideradas a população do país e a sua extensão territorial: apenas 14 complexos aquáticos, 41 complexos esportivos, 40 estádios de futebol e 127 ginásios. Também não foi constatada especial concentração desses equipamentos na Região Sudeste. Quanto às instalações esportivas (unidades esportivas fundamentais), os tipos que apresentaram maior frequência para o Brasil foram: quadra<sup>10</sup> (412) e campo*

---

<sup>8</sup> IBGE, Pesquisa de Esportes 2003. Governo do Estado.

<sup>9</sup> IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais, Suplemento Esportes 2003.

<sup>10</sup> Cobertas e não-cobertas.

de futebol (72). Das 31 quadras de tênis existentes no Brasil em 2003, na esfera estadual, 14 estavam na Região Sudeste e todas elas no estado de São Paulo.

Dos equipamentos esportivos existentes na esfera municipal, a cidade de São Paulo possuía maior número de ginásios<sup>11</sup> (30), complexos aquáticos<sup>5</sup> (23) e complexos esportivos (25). Para o município do Rio de Janeiro, o equipamento mais presente foi o complexo esportivo (10). Quando consideradas as instalações esportivas existentes e localizadas em parques, praças, logradouros e complexos esportivos, os tipos predominantes nos dois municípios foram quadras (exceto em ginásio), 606 no Rio de Janeiro e 287 em São Paulo, e campos de futebol, 274 e 283, respectivamente. Alguns outros tipos de equipamento apareceram com maior incidência em São Paulo: salão de ginástica (72); ginásio (30) e piscina recreativa (22).

## **Principais achados da pesquisa**

O resultado dos trabalhos, consubstanciado neste Relatório, mostra que os objetivos iniciais da pesquisa foram perseguidos ao longo de todos os GFs e essa firmeza no foco permitiu que hoje se tenha um levantamento sistemático e abrangente das percepções dos diversos atores envolvidos na prática esportiva das adolescentes na cidade do Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo sobre as questões que se pretendia abordar:

- Qual a motivação das mulheres para a prática do esporte?
- Quais os fatores percebidos como facilitadores para a inserção e a permanência da mulher no esporte?
- Quais os fatores percebidos como dificultadores para a inserção e a permanência da mulher no esporte?
- Quais as sugestões para incentivar a participação feminina no esporte?

### **A motivação das meninas para a prática do esporte**

Os grupos sempre eram iniciados com um levantamento do que os atores pensavam ser a motivação para as adolescentes entrarem e permanecerem no esporte.

*No Rio de Janeiro*, as diferenças de abordagem da questão nos diversos grupos foram bastante significativas:

- *Os técnicos*, falando principalmente do lugar da sua modalidade esportiva, preferiram distinguir entre recrutamento e motivação, achando que sua experiência lhes indicava que atualmente a primeira era mais pertinente à situação desfavorável que percebiam no seu dia-a-dia de trabalho. Assim, preferiram tratar de fatores que dificultam e facilitam a motivação e o resultado de suas falas será então incorporado à seção que trata de dificultadores e facilitadores. Contudo, no GF dos técnicos do Rio, chegou-se a dois pontos consensuais sobre a motivação inicial e para a continuidade das

---

<sup>11</sup> Inclusive os localizados em complexos esportivos.

mulheres no esporte: a paixão delas pelo esporte e a sua perseverança. Segundo os técnicos, são esses os trunfos de que as mulheres dispõem para superar as más condições que restringem a sua participação.

- *Os responsáveis pelas atletas:*
  - ⇒ Percebiam a existência de dois momentos com relação à motivação: um primeiro em que correspondia ao da sua própria decisão de introduzir a filha na prática esportiva e um segundo momento em que elas decidiam permanecer, fazendo importantes alterações na sua maneira de atuar, podendo até mesmo mudar de modalidade.
  - ⇒ Nesta linha de argumentação, apontaram como sua própria motivação para introduzir as filhas no mundo esportivo o fato de verem no esporte uma importante atividade complementar, que ocupa a mente de forma sadia e afasta a pessoa de outras solicitações não tão desejáveis do mundo; a avaliação de que as filhas tinham “dom” ou “talento” para o esporte ou a avaliação de que tinham o biótipo adequado à modalidade. Suas falas sobre suas razões para incentivar a filha na vida esportiva deixavam claro que, em muitos casos, a decisão tinha a ver com sua própria história de vida tanto no sentido de reproduzi-la quanto no de tentar que a filha realizasse algo que eles se sentiam frustrados por não terem obtido.
  - ⇒ Os responsáveis que admitiram que a filha havia ingressado no esporte por decisão própria atribuíram o fato majoritariamente a evidências extremamente subjetivas delas, que nomeavam de “algo dentro delas” ou “uma coisa muito delas”. Apenas um responsável atribuiu a motivação da filha ao sentimento de competitividade.
  
- *As atletas*, ao contrário, falaram de sua motivação sempre na primeira pessoa e também percebiam dois momentos distintos: um primeiro de chegada ao esporte e um segundo de tomar gosto pela coisa e decidir permanecer. Parece que, mesmo que elas tenham iniciado muito cedo por “decisão superior”, não é nesse momento que elas avaliam a sua motivação. Foram destacadas como motivação inicial: a saúde, a estética, o prazer, o gostar, o convívio com os amigos, o aproveitamento do seu “dom”/“talento” e a busca de alguns dos “efeitos colaterais” percebidos como passíveis de serem adquiridos por meio do esporte tais como disciplina, objetivo, foco, liderança e bom relacionamento com a rotina.
  
- *As não-atletas*, muitas delas ex-praticantes de esporte e algumas com desejo de retornar, listaram as principais razões pelas quais não se sentem motivadas para a prática esportiva neste momento:
  - ⇒ Falta de tempo em função de outras escolhas.
  - ⇒ Forte preconceito com quem não pratica bem o esporte ou quem está iniciando no esporte, gerando “zoação” constante por parte dos colegas.
  - ⇒ Preconceito contra as meninas que praticam determinados tipos de esporte, principalmente o futebol. Existência de estereótipos de gênero que determinam quais são os esportes masculinos e femininos e que atuam sobre as crianças desde que são muito pequenas.

- ⇒ Falta de condições para a prática esportiva de quem não pode pagar: problema financeiro; locais disponíveis muito longe de casa, que gera dificuldades de locomoção e perigo; fechamento do local onde praticava gratuitamente perto de casa.
- ⇒ Eleição de outra atividade corporal da qual gosta muito mais que do esporte que fazia: a dança.
- ⇒ Falta de incentivo na escola.
- ⇒ O esporte exige muita dedicação e limita o tempo das pessoas para outras atividades interessantes.
- ⇒ Medo de machucar-se.

*Em São Paulo*, as diferenças de abordagem da questão da motivação nos diversos grupos também foram relevantes:

- *Os responsáveis pelas atletas* em São Paulo falaram da motivação para as meninas entrarem (e permanecerem no esporte) muito fortemente a partir da experiência com as filhas e suas percepções podem ser classificadas em duas grandes categorias: as de motivação interna e as de motivação externa às atletas.
  - ⇒ No conjunto categorizado como motivações internas, houve a hegemonia absoluta da competitividade como o móvel das meninas para o esporte, ao contrário do que ocorrera no Rio. Nas motivações internas não-hegemônicas apareceram, como no Rio, fatores extremamente subjetivos como “gostar”, ter “vontade”, buscar o reconhecimento paterno, “algo que está dentro delas”, “questão dela mesma”, “predestinação”, “cabeça de cada uma”, gosto de nascença, uma vez que foi demonstrado desde a mais tenra idade. Como motivações internas mais “objetivas”, mencionaram a busca de solução para problemas de saúde e o “seguir o exemplo de pessoas da família que já praticavam um determinado esporte”.
  - ⇒ No conjunto categorizado como motivações externas, foram citados fatores como:
    - ✓ Ser iniciada no esporte desde pequena.
    - ✓ Receber incentivo familiar desde cedo para a participação em outros jogos competitivos ainda que não-esportivos.
    - ✓ Ter reconhecido seu talento para a modalidade esportiva que pratica. Esta percepção retoma, sem utilizar esta nomenclatura, a idéia de “dom” muito recorrente na pesquisa no Rio.
    - ✓ Receber elogio, estímulo e incentivo por parte da família, dos professores e dos treinadores.
    - ✓ Ter condições materiais para a prática esportiva: recursos em geral envolvendo o uso de material esportivo de boa qualidade, a participação em competições, o espaço para a prática esportiva (preferencialmente perto de casa), o auxílio-transporte para os deslocamentos.
    - ✓ Ter espaços de convívio equilibrado na vida em geral, principalmente na escola e na família.
    - ✓ Existirem oportunidades nos clubes.

- As motivações apontadas pelas *atletas* tenderam a expressar percepções individuais a partir de sua própria experiência. Houve algumas referências à existência de dois momentos distintos de motivação, como ocorrera entre as atletas do Rio, e uma primeira menção às diferenças de gênero, partida de uma praticante de luta. Seguem-se as idéias reveladas:
  - ✓ Não existe uma motivação única. Ela é múltipla: vem de filmes que você vê, do estímulo que recebe de seus pais e dos amigos, da vontade de ser como os expoentes esportivos que estão na mídia etc.
  - ✓ A motivação é “ser uma profissional” e fazer o esporte porque gosta.
  - ✓ Em um primeiro momento os pais escolhem um esporte para a criança seguindo os seus próprios gostos, mas nem as crianças nem os pais estão pensando em chegar ao alto rendimento, só no gostar mesmo. Depois é que, se dá certo, inicia-se o caminho para o alto rendimento.
  - ✓ A motivação inicial foi uma indicação médica para dar conta de um problema específico de saúde. Foi a porta de entrada para o esporte e, posteriormente, houve a busca do “seu” esporte porque gosta, para conhecer pessoas, ter um bom professor e assim por diante.
  - ✓ A busca de diversão como motivação do primeiro momento e depois, tomar gosto e ter vontade de superar os preconceitos de gênero. O esporte ajuda a conviver com a TPM e isto é uma motivação para permanecer.
  
- As *não-atletas* listaram:
  - ⇒ As razões para não se dedicarem ao esporte neste momento e elas mostram basicamente falta de tempo, desinteresse e inércia:
    - ✓ Falta de tempo em função de outras escolhas que interessam mais como, por exemplo, escola, inglês e dança.
    - ✓ Preguiça: “tenho muita preguiça. Só faço a escola porque é obrigado”.
    - ✓ “Por não estar afim mesmo!”
    - ✓ Necessidade de começar a trabalhar.
    - ✓ Falta de interesse.
    - ✓ “Eu não faço, como dizem os adolescentes, (porque) não é minha praia. Não me identifico.”
  
  - ⇒ As percepções que tinham acerca da motivação para o esporte das atletas de sua faixa etária:
    - ✓ Por gostar mesmo do esporte: “acho que elas não são obrigadas!”
    - ✓ “Para ter o corpo bonito e estar sempre com tudo em cima.”
    - ✓ “Por ter alguém como exemplo agora, que tem muitas meninas se destacando.”
    - ✓ Por influência dos pais.

- *Os técnicos* mencionaram uma série de motivos que fariam as meninas ingressarem e permanecerem na prática esportiva. Não houve posições hegemônicas no que se refere ao assunto motivação e o grande destaque neste tópico foi a primeira menção ao Decreto-Lei 3.199, que estabelecia limitações para a prática esportiva das mulheres e que vigorou até 1979. Surpreendentemente, a menção a esse decreto, marco importantíssimo para o desenvolvimento das mulheres no esporte no Brasil, foi feita pela primeira vez neste GF de São Paulo, o último da pesquisa, quando um entrevistado citou a sua revogação com um fator motivador. As demais percepções citadas foram:
  - ⇒ A possibilidade de competir junto e em pé de igualdade com os meninos.
  - ⇒ A tentativa de provar que podem tanto quanto os meninos no esporte, com mais força ainda nos esportes tidos socialmente como masculinos. Esta é a situação dos esportes aos quais a mulher só pôde aderir mais recentemente como o judô e as lutas.
  - ⇒ A possibilidade de ser aceita em condições de igualdade com o homem, principalmente em locais que recebem populações socioeconomicamente mais carentes: “as mulheres querem ficar onde estão sendo aceitas e onde há um trabalho pela igualdade entre homens e mulheres”.
  - ⇒ A existência de oportunidade de escolha sem exclusão; de divulgação na mídia; de um trabalho pelo fim do preconceito, de dimensionamento e de identificação das diferenças.
  - ⇒ O aumento de oportunidades para as mulheres no esporte, que vem se verificando graças à lenta redução do preconceito de gênero (idéia também colocada no GF dos técnicos no Rio) e à introdução de uma nova percepção do esporte por parte das famílias – como uma oportunidade profissional, como uma possibilidade para obtenção de bolsa de estudo e como uma alternativa para a ocupação do tempo das adolescentes.
  - ⇒ A influência da família na medida em que o pai ou a mãe também foi esportista e incentiva as meninas a ter a mesma experiência.
  - ⇒ O estímulo do professor de educação física na escola.
  - ⇒ A possibilidade de praticar esporte perto de casa.
  - ⇒ A existência de projetos sociais que viabilizem a prática esportiva de meninos e meninas porque “a classe média está acabando” e com ela as possibilidades familiares de arcar com os custos cotidianos da prática esportiva dos filhos. As populações menos favorecidas do ponto de vista socioeconômico já viviam essa impossibilidade desde sempre. Nesse sentido, estariam reduzindo-se as diferenças entre as classes sociais ressaltadas em outros GFs da pesquisa. Por outro lado, a afirmação naturaliza a ausência do governo na criação de oportunidades para a prática do esporte. Uma entrevistada chamou a atenção para o fato de que a responsabilidade de garantir a continuidade no esporte é da família no início, é da própria pessoa e é do governo que precisa dar condições da atleta viver do esporte principalmente depois que entra na idade adulta.

## **Fatores facilitadores da prática esportiva**

Em todos os GFs, nas duas cidades, foi mais difícil para os participantes encontrarem fatores que atuam positivamente no sentido de facilitar o ingresso e a permanência das atletas no esporte. As percepções estavam sempre mais aguçadas para os fatores que atuam negativamente, o que parece, por si só e somado a outras informações levantadas na pesquisa, um indicador de que as condições da prática esportiva andam mesmo adversas.

*No Rio de Janeiro*, as diferenças de abordagem da questão nos diversos grupos foram bastante significativas:

- *Os técnicos:*
  - ⇒ Como já foi destacado na seção relativa à motivação, foram praticamente unânimes em afirmar que o que ajuda as meninas é sua própria paixão e sua própria perseverança na prática esportiva.
  - ⇒ De forma não hegemônica, também destacaram como fatores facilitadores:
    - ✓ O vínculo que se estabelece entre as participantes de uma mesma equipe em um esporte coletivo.
    - ✓ Juventude para alcançar os objetivos que lhes permite achar que terão muito tempo na vida para superar os obstáculos.
    - ✓ A identificação do brasileiro como portador de habilidades especiais para o esporte.
    - ✓ A possibilidade recente de registrar na Federação as jogadoras de futebol feminino.
  - ⇒ Além de isoladas, as seguintes facilidades geraram controvérsia e discussão no grupo:
    - ✓ A existência de algumas políticas públicas nas prefeituras de estados do Sul e em São Paulo.
    - ✓ O clube dar uniforme e assistência médica e odontológica.
    - ✓ O fato de estarmos vivendo uma “fase de redução” dos estereótipos de gênero, o que neutralizaria o preconceito contra as mulheres no esporte, facilitando a sua permanência.
  - ⇒ Por fim, alguns foram radicais e disseram não perceber qualquer facilidade que beneficie as mulheres em sua prática esportiva no Rio de Janeiro.
- *Os responsáveis pelas atletas:*
  - ⇒ De forma hegemônica, quando questionados sobre a existência de fatores facilitadores para a prática esportiva das meninas, os responsáveis responderam traduzindo a questão em termos do que aqui se convencionou nomear como “efeitos colaterais positivos” do esporte, que vão desde a aquisição de determinados atributos avaliados positivamente pelos responsáveis como organização, disciplina, responsabilidade, poder de superação, amadurecimento, foco e bom manejo da rotina, até o reconhecimento do esporte como

remédio para timidez, preguiça, rebeldia, desesperança em relação ao futuro e mesmo depressão, passando pela idéia de que o esporte mantém a criança com saúde, ocupada e afastada de determinados chamamentos negativos do mundo urbano como o apelo das drogas.

⇒ Isoladamente, um único pai mencionou, a partir da experiência da própria filha, que a possibilidade de ganhar uma bolsa de estudos por ser atleta era um fator facilitador para a permanência no esporte.

- *As atletas:*

⇒ De maneira hegemônica destacaram o apoio da família, dos amigos, e do técnico como incentivador abalizado e capaz de estimular o seu crescimento no esporte. A enorme importância atribuída ao papel da família, inclusive quando percebida em seus efeitos negativos, fez deste um tema em destaque no grupo e, como tal, merecerá tratamento separado.

⇒ De forma não hegemônica destacaram o fato da atleta ter algumas qualidades pessoais como força de vontade, garra, determinação, esforço, comportamento dócil no sentido de “ficar calada e não reclamar”, “saber levar certas coisas”, “empurrar com a barriga” e ter “capacidade para engolir muito sapo”. Uma atleta acrescentou que acha que as meninas têm mais essas qualidades que os meninos e que devem persistir sempre, mesmo remando contra a maré, porque isto se reverterá não apenas em benefício próprio, mas como fator de mudança benéfica para todos. Neste ponto, ao demonstrarem perseverança e paixão, aproximaram-se da percepção que os técnicos têm delas.

- *As não-atletas* nada destacaram sobre este subtema.

*Em São Paulo*, as diferenças de abordagem da questão nos diversos grupos também foram relevantes:

- *Os responsáveis pelas atletas* praticamente não se posicionaram sobre o assunto, e as duas respostas isoladas diziam de “efeitos colaterais positivos” do esporte como “tirar as meninas da rua” e de qualidades que atribuem às mulheres: “são mais inteligentes”.

- *As atletas* não chegaram a posições consensuais e as respostas isoladas envolviam a questão de gênero, das diferenças entre os esportes, das vantagens da possibilidade de escolha e das “qualidades femininas”:

⇒ Professora ajuda a minorar as conseqüências dos preconceitos de gênero na prática do esporte porque já sabem como os homens são e isso ajuda as mulheres.

⇒ As facilidades são maiores no esporte individual que no coletivo porque nele tudo depende só da própria pessoa.

- ⇒ Facilidade de poder escolher o esporte que quer praticar quando a escola ou projeto oferece a possibilidade de experimentar uma gama variada de modalidades.
  - ⇒ Facilidade pelo fato da mulher ser mais “organizada”, mais “certinha” e persistente no seu objetivo, além de enfrentar uma concorrência menor.
- *As não-atletas*: falando das facilidades, uma única não-atleta se pronunciou, dizendo que era bom “começar desde pequena porque já vira um hábito da pessoa. Aí fica tudo mais fácil”.
  - *Os técnicos*: somente um entrevistado mencionou as qualidades que são percebidas como passíveis de serem incorporadas às pessoas a partir da prática esportiva: a disciplina, o foco, o estabelecimento de objetivos e propósitos. Uma segunda observação disse respeito à facilidade oferecida por algumas modalidades esportivas, como as lutas, por se mostrarem adequadas aos mais diversos biótipos, já que estão estruturadas em categorias específicas, tornando-se assim mais “democráticas” que outras modalidades.

### **Fatores dificultadores da prática esportiva**

Como já foi mencionado na seção anterior, os fatores que dificultam a prática esportiva das meninas ou atuam no sentido de desmotivá-las a ingressar e permanecer no esporte foram centrais na discussão dos grupos e tenderam a ter percepções mais convergentes entre eles. Fatores como falta de retorno financeiro, que gera migração do esporte para o mercado de trabalho; necessidade de grandes deslocamentos entre o local de moradia e do treino; falta de apoio governamental para o esporte; existência de preconceito de gênero principalmente contra as meninas; falta de tempo e rotina pesada das atletas; falta de recursos e de patrocínio; falta de estrutura e apoio para o esporte no Brasil e falta de continuidade e de perspectivas futuras para as atletas foram citados em praticamente todos os grupos nas duas cidades, como ficará patente a seguir.

No *Rio de Janeiro*, os responsáveis começaram a falar das dificuldades desde a rodada de apresentação pessoal; os técnicos preferiram falar deles do que tratar da questão da motivação propriamente dita; as atletas tinham uma opinião quase unânime sobre o assunto, demonstrando reflexão prévia a respeito do tema; e as não-atletas, ao discorrerem sobre seus motivos para não praticar esportes, citaram algumas importantes dificuldades enfrentadas pelas atletas.

- *Entre os técnicos*:
  - ⇒ Os fatores dificultadores hegemônicos levantados foram:
    - ✓ Dificuldades financeiras e falta de patrocínio.
    - ✓ Necessidade de extensos deslocamentos para treinar porque existem poucos locais para a prática esportiva na cidade.
    - ✓ Falta de perspectiva futura para quem ingressa no esporte. O “chegar lá” como o móvel principal de todos os atletas, mas que ainda não é palpável para as mulheres que praticam esporte no município.

- ✓ Falta de estrutura e apoio para o esporte no Brasil. Neste conjunto, os técnicos apontam: a falta de infra-estrutura material básica; a falta de política(s) governamental(is) no Brasil; a descontinuidade das poucas políticas públicas existentes quando ocorrem mudanças de governo; empecilhos para o esporte receber patrocínios de qualquer tipo – esses empecilhos podem ser de ordem burocrática ou pela notícia de que há desvio de verbas e corrupção nos clubes.
- ✓ Existência de estereótipos de gênero expressos sob a forma de preconceito contra a participação feminina em determinadas modalidades esportivas, inclusive sinalizando a masculinização dos corpos femininos a partir da prática esportiva; de cobranças diferenciadas para a mulher dentro de casa, gerando acúmulo de atividades etc.
- ✓ Necessidade das atletas de ganhar dinheiro não só para sua manutenção, mas também para fazer face aos gastos gerados pela própria prática esportiva: deslocamentos, material adequado para os treinos, inscrição em competições etc.

⇒ Os fatores dificultadores mencionados de forma não hegemônica foram:

- ✓ Falta de competições em ano de Pan.
- ✓ Migração das atletas bem-sucedidas para o exterior.
- ✓ Diferenças segundo a classe social – de recursos para investir e de interesse. Os técnicos apontam para o fato de que há maior interesse por parte da atleta de origem menos favorecida economicamente, que vê também no esporte uma rara possibilidade de ascensão social, do que por parte das atletas de classe média que vêm no esporte unicamente o aspecto competitivo.
- ✓ Falta de uma política de bolsas de estudo universitárias que permita a continuidade da prática esportiva na idade adulta.
- ✓ Treinamento duro, que impõe às atletas uma vida sacrificada e com pouco espaço para amizades e lazer.
- ✓ A ausência de bola e da brincadeira conjunta nos esportes individuais.
- ✓ O medo de competir com os mais velhos, principalmente nos esportes individuais.
- ✓ No caso do Handebol: primo pobre dos outros esportes, tido como esporte escolar que não oferece oportunidade de continuidade e para o qual vêm as pessoas que “não dão para outra modalidade”.
- ✓ No caso do remo: o horário cedo, ainda madrugada, do treino.

- *Entre os responsáveis:*

⇒ Os fatores dificultadores hegemônicos levantados foram:

- ✓ Falta de patrocínio e de apoio governamental ao esporte.
- ✓ Grandes deslocamentos e falta de recursos para o transporte.
- ✓ Falta de tempo e rotina pesada.

- ⇒ Os fatores dificultadores mencionados de forma não hegemônica foram:
- ✓ Distância entre o sonho e a possibilidade de vir a realizá-lo, gerando desânimo e até depressão nas atletas.
  - ✓ Construção de locais de práticas esportivas (Vilas Olímpicas) fora da comunidade e às vezes em locais hostis e inseguros em função das divergências entre facções do tráfico.
- *As atletas:*
- ⇒ Demonstraram ter uma visão quase consensual sobre o que percebem como suas principais dificuldades na vida esportiva: praticamente todas elegeram a existência de preconceito e a ausência de patrocínio como seus principais vilões.
- ✓ No que tange ao preconceito, elas percebem-no com várias faces/manifestações: contra mulheres no esporte em geral; na própria equipe por parte dos participantes masculinos, quando ela é mista; na família; no ato de preferir as mulheres na hora de montar equipes de revezamento, mesmo na natação, que é um dos esportes considerados “femininos”; e no desrespeito às dificuldades específicas das mulheres em determinados dias do mês em função do ciclo menstrual. Uma das atletas chegou a situar o problema do preconceito no “pensamento das pessoas”, demonstrando reconhecer que sem mudança de valores culturais a situação prática não se altera.
  - ✓ Já a falta de patrocínio é sentida basicamente para suprir as despesas com transporte para os treinos, a ida para as competições, para apoiar o esporte de base, que possibilita a descoberta de “novos talentos” etc.
- ⇒ De forma isolada perceberam as seguintes dificuldades:
- ✓ Rotina pesada, que ocasiona falta de tempo.
  - ✓ Excesso de exigência dos técnicos.
  - ✓ Baixa competitividade nas modalidades esportivas femininas e naquelas com poucos atletas e poucos locais apropriados para a prática.
  - ✓ Necessidade de optar entre o esporte e um trabalho que lhes garanta a sobrevivência quando chega a hora da entrada na vida adulta, com a possibilidade de constituir uma nova família.
  - ✓ Necessidade de morar longe da família quando perto dela não é viável praticar a modalidade esportiva escolhida: o desconforto dos alojamentos em todos os sentidos, principalmente na convivência compulsória com pessoas muito diferentes.
- *As não-atletas* não apontaram dificuldades específicas que precisam ser enfrentadas pelas atletas para praticar esporte no município do Rio de Janeiro. Contudo, quando citaram as razões pelas quais não estavam motivadas a

integrar-se ao esporte neste momento, apontaram algumas dificuldades importantes tais como preconceito contra as meninas que praticam determinados tipos de esporte, principalmente o futebol; existência de estereótipos de gênero que determinam quais são os esportes masculinos e femininos e que atuam sobre as crianças desde que são muito pequenas; falta de condições para a prática esportiva de quem não pode pagar: problema financeiro; locais disponíveis muito longe de casa, gerando dificuldades de locomoção e perigo; fechamento do local onde praticava gratuitamente perto de casa; falta de incentivo na escola; muita exigência de dedicação ao esporte, que limita o tempo das pessoas para outras atividades interessantes.

*Em São Paulo*, o espaço dedicado nos grupos às dificuldades também foi significativo. Vale ressaltar que, ainda que o panorama geral das dificuldades percebidas seja semelhante no Rio e em São Paulo, as ênfases são muito diferentes e as palavras com que os participantes nomeiam algumas situações por vezes são totalmente originais. Em São Paulo, em geral, os grupos aguardavam a colocação das perguntas para começar a tratar de cada assunto e a grande maioria dos participantes fez questão de assinalar que algumas dificuldades percebidas são comuns aos meninos e às meninas. Lista-se a seguir todas as dificuldades mencionadas, destacando a sua recorrência ou não.

- *Entre os responsáveis:*
  - ⇒ Os fatores dificultadores hegemônicos levantados foram:
    - ✓ Falta de recursos e de apoio governamental ao esporte. Ao contrário do Rio, onde a ênfase na questão dos recursos necessários para manter uma carreira esportiva em desenvolvimento foi dada à ausência de patrocínio, os responsáveis ouvidos pela pesquisa em São Paulo preferiram falar de falta de recursos. Para dar uma idéia da dimensão do que está sendo dito, somente duas pessoas (ao todo 3 vezes) utilizaram a palavra patrocínio no GF de São Paulo, enquanto no Rio, 8 responsáveis, tanto homens como mulheres, usaram a palavra patrocínio 17 vezes. Falando de falta de recursos, os participantes do GF dos responsáveis mencionaram: falta de recursos da família; falta de material adequado para a prática do atletismo; falta de condições para cumprir os requisitos necessários para fazer jus a uma bolsa escolar; falta de patrocínio, seja público ou privado, fazendo com que para subir no esporte seja necessário investir do próprio bolso, já que medalha não trás dinheiro; falta de políticas públicas não somente porque faltam recursos para serem investidos, mas, principalmente, porque falta vontade política para destinar os recursos existentes para o esporte e porque há grande incidência de corrupção e desvio de verbas; insegurança no futuro de quem pratica esporte e não tem recurso.
    - ✓ Fim prematuro das oportunidades para a prática do esporte: problema dos locais para continuidade e de terminar o ensino médio e ter que fazer escolhas.

- ✓ Ausência de “peneiras” e pouca divulgação das que existem. Como será destacado mais adiante, a palavra “peneira” também se mostrou de uso local paulistano e é usada para nomear um tipo de competição que funciona como via de acesso seletiva à prática esportiva não paga ou com algum tipo de ajuda financeira ao atleta.
  - ✓ Os locais de prática esportiva são poucos, considerando o tamanho do município, e muito distantes da moradia de quem deles mais necessita, já que há ausência de espaços regionalizados.
  - ✓ Grandes deslocamentos e tempo perdido em condução.
  - ✓ Falta de tempo e rotina pesada.
- ⇒ Os fatores dificultadores não hegemônicos levantados foram:
- ✓ As dificuldades de estar preparado para perder – no jogo e na vida.
  - ✓ A questão de ter ou não o biótipo desejável para cada esporte. Havia quem achasse que o biótipo era determinante e quem achasse que ele se submetia ao talento da pessoa para aquele esporte.
  - ✓ O risco de se machucar e não ter atendimento adequado no local onde pratica esporte ou de perder sua oportunidade de prática ao ter que se afastar temporariamente.
- *As atletas:* Como as atletas do Rio, as de São Paulo também elegeram o preconceito como o principal causador de suas dificuldades para a prática esportiva. O preconceito, percebido em suas diversas nuances, foi muito mencionado e apontado como indesejável. Vale notar que, talvez pela imaturidade das meninas, elas “revidam” o preconceito reificando estereótipos de gênero ou discriminando os meninos também. Foram os seguintes os aspectos levantados e que podem ser classificados na rubrica de preconceito, sejam eles relativos a questões de gênero ou de outra espécie:
    - ⇒ Preconceito de gênero:
      - ✓ Nos clubes e até mesmo nas escolas, os técnicos e professores só dão atenção às mulheres quando não há equipes masculinas.
      - ✓ No âmbito do cotidiano não existem tantas diferenças, mas na competição a preferência pelos homens é visível.
      - ✓ Meninas têm a sua orientação sexual questionada em função do esporte que praticam: “se está fazendo este judô, é homem, sapatão”.
      - ✓ Meninas que praticam esportes considerados masculinos como judô, lutas em geral e certas modalidades do atletismo como martelo, por exemplo, são sempre comparadas ao homem: “é forte! Pode se igualar aos homens na disputa. Não se deve meter com ela porque ela pode encarar”. O contra-argumento de algumas atletas que são identificadas com o masculino é de que se pode ser muito “masculina” na prática

do esporte e totalmente “feminina” no cotidiano da vida extra-esportiva: “delicada e usando salto alto e roupa cor-de-rosa”. Ao argumentar dessa maneira, as meninas ratificam estereótipos de gênero que tomam como naturais hábitos tipicamente culturais e que são transmitidos através da educação hegemônica em nossa sociedade, sem se dar conta de que estão perpetuando as bases do preconceito do qual se queixam. Elas dizem ainda, referindo-se às transformações que podem ser observadas no corpo da mulher pela prática de determinados esportes, que estas podem ser apreciadas, valorizadas e não tomadas como “desfeminilizantes”: “mulher é sempre mulher mesmo que o corpo fique forte”.

- ✓ Preconceito das meninas contra os meninos: não sabem trabalhar em grupo nem nos esportes coletivos e são insuportáveis: “homem não tem como. Homem é terrível”.
- ✓ Preconceitos diferenciados segundo o esporte. Comparando o atletismo ao judô em uma instituição uma atleta diz que há muito mais preconceito no segundo que no primeiro, embora no judô seja possível tirar proveito de treinar com os meninos porque quando se enfrenta uma menina depois, a atleta está mais bem preparada. No vôlei, os meninos gostam de montar seus próprios times compostos somente por eles e jogam agressivamente contra os times femininos.

⇒ Outros tipos de preconceito mencionados de maneira isolada:

- ✓ Preconceito contra as atletas “não-federadas”: poucas oportunidades são dadas a elas nos clubes: em igualdade de condições ou mesmo com nível de habilidade esportiva superior, a preferência é das federadas.
- ✓ Preconceito contra as pessoas novas que vêm de lugares distantes para treinar. A suposição é de que não são boas no esporte e é necessário que o professor/treinador intervenha para impor a integração da nova atleta no time.

⇒ Outras dificuldades citadas de forma não hegemônica e não relacionadas ao preconceito:

- ✓ Falta de incentivo do governo para o esporte em si e mais aos eventos. Passado o evento cessa o interesse. Tal fato também havia sido destacado no GF dos técnicos do Rio.
- ✓ Cada modalidade tem sua própria dificuldade, assim como são múltiplas as motivações. No caso do judô uma das maiores é “tirar peso” para se manter em condições de competir na sua categoria. As judocas do Rio também levantaram este ponto.
- ✓ Gasto excessivo de tempo na condução para conseguir chegar ao treino.
- ✓ Necessidade de morar longe da família quando no local onde ela vive não há condições para viabilizar a prática da modalidade esportiva escolhida pela atleta.

- ✓ Falta de dinheiro para os gastos básicos do dia-a-dia com o esporte. O esporte deveria ser uma forma de trabalho com remuneração.
- ✓ Falta de atenção governamental.
- *As não-atletas* não souberam apontar dificuldades que precisam ser enfrentadas pelas atletas para praticar esporte no município de São Paulo, embora tenham atribuído nota média 6,9 às condições para esta prática, a mesma nota atribuída pelas atletas.
- *Os técnicos* de São Paulo, como os do Rio, falavam sempre em termos de motivação. Dessa forma, falaram mais em termos de fatores desmotivadores que interferem na prática das mulheres no esporte.

⇒ Foram citados como fatores desmotivadores de maneira hegemônica:

- ✓ A necessidade de grandes deslocamentos pelos gastos que representam, pela falta de quem possa acompanhar a atleta ao lugar do treino e pela falta de segurança na cidade.
- ✓ A falta de ícones: da mesma forma que já fora ressaltada a importância do “espelho”, sem usar esta expressão, os técnicos de São Paulo enfatizaram a importância do esporte ter seus ícones: “mulheres com resultado e como referência”, e lembraram que como a participação feminina é recente, principalmente em alguns esportes, esses ícones ainda são basicamente masculinos ou internacionais. Na percepção deles, tudo vai mudar quando as mulheres no Brasil começarem a ter resultados significativos, porque é importante até para o esporte do país ter atletas de ambos os sexos com resultados.
- ✓ O fato de não haver retorno financeiro na prática esportiva faz com que as meninas tenham que sair para trabalhar.
- ✓ O fato de que o “desporto de alto rendimento não é saúde” nem para o homem nem para a mulher – a atividade física sim. Há riscos de lesões mesmo em esporte individual sem contato físico. Este aspecto, levantado pela primeira vez no GF das atletas em São Paulo, foi retomado somente por um participante no GF dos técnicos, mas conseguiu a aprovação de todos.

⇒ Foi citado de forma isolada como fator desmotivador a existência no Brasil da “monocultura do futebol” masculino. Uma de suas conseqüências é que as meninas que praticam o futebol enfrentam, além de dificuldades comuns a outros esportes como a grande distância entre o local de moradia e o local de treinamento, dificuldades específicas tais como o preconceito com o futebol desde que são muito novas, a falta de perspectiva futura e a falta de reconhecimento na mídia.

### Sugestões apontadas para melhorar as condições da prática esportiva

Levando em conta que os entrevistados avaliaram mal as condições da prática esportiva nas duas cidades (ver quadro 4), um considerável número de sugestões capazes de melhorar essas condições foi apresentado pelos participantes dos GFs: algumas foram recorrentes e outras pontuais e todas podem subsidiar a formulação de políticas públicas ou de outras formas de atuar, pública e privada, em favor do desenvolvimento do esporte em geral e do feminino em particular.

**Quadro 4**  
**Notas atribuídas pelos entrevistados às condições**  
**que as atletas têm de praticar esporte**  
**Municípios do Rio de Janeiro e São Paulo**

Notas	Técnicos, treinadores, professores, árbitros e responsáveis por projetos sociais	Mães, pais e responsáveis pelas atletas	Atletas	Não-atletas
Rio de Janeiro				
Nota média	5,5	5,0	3,7	6,4
Nota mediana	5,0	5,0	3,0	7,0
São Paulo				
Nota média	6,1	4,4	6,9	6,9
Nota mediana	6,0	5,0	7,0	7,0

Fonte: Pesquisa A mulher e o esporte. Instituto Noos/Nike, 2007.

A seguir lista-se a totalidade das sugestões apresentadas, categorizadas segundo o seu conteúdo e separadas segundo o grau de recorrência nas duas cidades:

- *Sugestões hegemônicas no Rio:*
  - ⇒ Relativas à centralidade do papel da escola e à concessão de bolsas de estudos em todos os níveis de ensino com destaque para o universitário:
    - ✓ Conceder bolsas universitárias.
    - ✓ Desenvolver o esporte universitário.
    - ✓ Fazer da escola a base do esporte: educação de mãos dadas com o esporte.
    - ✓ Fornecer bolsa de estudo para as atletas e maior divulgação da política de bolsas de estudo quando ela existe.
    - ✓ Melhorar o ensino da educação física nas escolas públicas e particulares.
  - ⇒ Relativas a obtenção de patrocínio, entendido como qualquer tipo de apoio aos atletas:
    - ✓ Dar aos atletas uma “carteirinha de gratuidade no transporte” ou pagar de alguma forma a sua passagem para os treinos.
    - ✓ Estabelecer parcerias como existem em outros países: entre clubes e universidades, entre instituições públicas e privadas.
    - ✓ Patrocínio, que pode se efetivar na concessão de ajuda financeira para alimentação, passe-livre nos transportes urbanos e ajuda financeira para transporte para os locais de

competição. Houve a observação de que, nos esportes coletivos, o patrocínio tem que ser para toda a equipe.

- ✓ Transporte para a atleta vir para o treino.

⇒ Relativas ao Pan:

- ✓ Concluir rapidamente as construções do Pan, para propiciar diferencial de tempo de treinamento no mesmo local da competição para as atletas do próprio município.
- ✓ Dar aos atletas ingressos para assistir aos jogos do Pan.
- ✓ Não fechar os locais de treinamento esportivo já existentes em função da inauguração dos novos construídos para o Pan: manter todos em funcionamento após a realização do evento.

⇒ Relativas à democratização do esporte:

- ✓ Construir mais equipamentos esportivos, locais para a prática de todos os esportes e não só do dominante no país, pelo menos um em cada bairro. Isso incluiria mais piscinas adequadas à prática dos saltos ornamentais para poder ampliar a modalidade; mais pistas de atletismo adequadas à prática de suas diversas modalidades; mais piscinas para treinamento de natação para permitir que o treino respeite o limite máximo por raia que hoje é excedido.
- ✓ Democratizar o esporte para obter patrocínio.
- ✓ Levar os esportes para as comunidades carentes.

- *As sugestões não hegemônicas no Rio* eram relativas à redução do predomínio do futebol masculino no país; à necessidade de aquisição de materiais esportivos modernos; à necessidade de políticas públicas e de legislação específica que favoreça os esportes; à redução das diferenças de gênero percebidas; à promoção de ações capazes de aproximar os pais do esporte dos filhos; à realização de ações em prol do esporte de base.

- *Sugestões hegemônicas em São Paulo:*

⇒ Ações de mapeamento, divulgação e marketing:

- ✓ Fazer uma identificação mais ampla das atividades culturais no município, divulgá-las e levá-las para a escola.
- ✓ Divulgar as oportunidades para a prática esportiva que existem na cidade para quem gosta de praticar poder procurar.
- ✓ Divulgar mais o esporte, utilizando inclusive a TV.
- ✓ Divulgar o que existe em termos de alternativas de prática esportiva no município de São Paulo: proceder a uma espécie de mapeamento dos locais para prática e das oportunidades e divulgar amplamente.
- ✓ Fazer campanhas de marketing para vender o esporte como um produto.
- ✓ Fazer um trabalho de posicionamento da mulher no esporte: um trabalho de marketing.
- ✓ Promover uma divulgação maior dos benefícios que o esporte trás para as pessoas.

- ⇒ Relativas à democratização do esporte:
- ✓ Construir mais locais de prática esportiva que dêem oportunidade a pessoas de todas as idades e de todas as classes sociais.
  - ✓ Criar espaços para prática esportiva nos bairros e divulgar a sua existência quando ficarem prontos.
  - ✓ Cuidar do trabalho que vai ser realizado, além de montar estruturas físicas notáveis: há o exemplo dos CEUs (Centros Educacionais Unificados), nos quais a estrutura é maravilhosa mas não há profissionais contratados para garantir a sua utilização.
  - ✓ Diminuir as diferenças de possibilidades de prática esportiva entre as classes sociais.
  - ✓ Promover a descentralização geográfica dos locais de prática esportiva. Isto faria com que se massificasse a prática esportiva e o feminino vai junto de acordo com o esporte.
  - ✓ Transformar o esporte em um dos focos da ação governamental.
- ⇒ Relativas à centralidade do papel da escola e à concessão de bolsas de estudos em todos os níveis de ensino, com destaque para o universitário:
- ✓ Centrar a política de esportes na escola: escola num primeiro momento e bolsa universitária depois para dar continuidade. Bolsas universitárias foram defendidas pela maioria, seguindo o exemplo de países desenvolvidos e que têm ótimos resultados nas competições internacionais como os EUA e a França. Somente um pai defende que a bolsa universitária exista somente para quem entrou na universidade por seus méritos não-esportivos.
  - ✓ Integração com a escola, como ocorre em alguns países onde o esporte é muito bem-sucedido como os EUA, por exemplo. Esta ligação propicia a superação da hegemonia de um único esporte no país.
  - ✓ Mais estrutura para as escolas: aparentemente não há interesse em alterar a situação educacional, pois um povo menos instruído é mais fácil de ser iludido.
  - ✓ No âmbito da escola, um pai sugeriu que, fora de espaços específicos para o esporte nas escolas, os professores de educação física proporcionem 10 minutos de condicionamento físico nos intervalos das aulas para os alunos que praticam esporte.
  - ✓ Tornar obrigatória, em todas as escolas – públicas e particulares – a possibilidade de prática esportiva gratuita de todas as modalidades para que as crianças/adolescentes possam experimentar e decidir com qual delas se identificam.

⇒ Relativas a obtenção de patrocínio, entendido como qualquer tipo de apoio aos atletas:

- ✓ Ações da Nike em prol das mulheres no esporte como incentivo a outras grandes marcas esportivas. Reconhecimento de que há interesse empresarial na pesquisa *versus* esperança de mudança para as condições de prática esportiva das mulheres.
  - ✓ Remunerar a prática do esporte após os 17 anos como possibilidade de dar continuidade quando chega a idade adulta e o término da oferta existente de prática esportiva gratuita em São Paulo.
  - ✓ Estabelecer parcerias com órgãos públicos e empresas privadas.
  - ✓ Fornecer transporte para levar para o treino.
  - ✓ Haver mais investimento e mais patrocínio além do espaço para a prática.
- *As sugestões não hegemônicas em São Paulo* eram relativas à necessidade de aquisição de materiais esportivos modernos; à indispensabilidade de políticas públicas; à necessidade de realização de ações organizadas da sociedade civil para cobrar mudanças junto aos governos; e à promoção de ações em favor do esporte de base.

### **Temas que ganharam destaque nos diversos grupos**

No bojo das discussões propostas pelo roteiro dos GFs, alguns temas ganharam relevância e acabaram merecendo destaque na análise das informações neste relatório dentro de cada grupo. Não quer dizer que o falar desses temas tenha sido exclusividade destes grupos, mas sim que os seus participantes dedicaram mais tempo de discussão do que outros atores aos aspectos específicos ressaltados. A seguir, trata-se brevemente do seu conteúdo, mencionando os grupos nos quais foram citados.

#### **➤ A importância da mídia (para o bem e para o mal)**

O papel da mídia na construção das relações dos brasileiros com a prática esportiva em geral foi um tema que emergiu de maneira recorrente nos grupos dos técnicos, treinadores, professores, árbitros e responsáveis por projetos sociais nas duas cidades. A visibilidade conferida pela mídia ao esporte e o poder desta visibilidade para atrair as pessoas para a modalidade esportiva que ganha visibilidade foram os pontos em comum ressaltados nos dois grupos. Além destes, foram os seguintes os aspectos que mereceram destaque por parte dos técnicos:

- *No Rio de Janeiro:*
  - ⇒ A mídia pode dar visibilidade à participação feminina nos esportes e, com isso, facilitar a aceitação cultural desta participação.
  - ⇒ É importante estar na mídia para abrir espaços e obter patrocínio.
  - ⇒ O fato de que, no Brasil, há hegemonia total do futebol masculino na mídia, o que restringe as possibilidades tanto dos demais esportes como das mulheres nos esportes. Somente uma técnica percebe como positiva e inclusiva para as mulheres a superexposição do futebol masculino na mídia.
  - ⇒ A mídia alimenta o sonho de fama de algumas atletas, acenando com ídolos que venceram as dificuldades, “chegaram lá” e levam uma vida de sucesso e prazer.
  
- *Em São Paulo:*
  - ⇒ A mídia reflete (e reforça) o peso que o esporte tem para a sociedade: é o único tema que merece jornais específicos diários.
  - ⇒ A mídia dá visibilidade a determinados esportes e isso funciona como chamariz para a prática desse esporte em particular. As pessoas são motivadas para praticar os esportes que estão na mídia.
  - ⇒ A mídia passa a idéia de que o esporte não oferece condições de auto-sustentação financeira e que é para um curto período da vida da pessoa. Logo, é mais próprio para ser um *hobby* do que uma profissão.
  - ⇒ A mídia cria a ilusão de que o esporte é para todos no sentido de que todos os que praticam podem vir a ser ídolos nacionais e profissionais muito bem-sucedidos. Esta argumentação desdobrou-se em uma outra discussão que também será tratada em separado: a visão do esporte da ótica do esporte de alto rendimento *versus* a visão do esporte da ótica da inclusão social.
  - ⇒ A mídia não mostra que o esporte de alto rendimento não é saúde.
  - ⇒ A mídia vende o que dá retorno. O veículo e o horário de veiculação dependem da expectativa de retorno da audiência que gera patrocínio. O que a mídia foca é o que vende.

### ➤ **A importância do “espelho”**

Com alguma interseção com o tema anterior – o da importância da mídia –, esse foi outro tema muito mencionado no grupo dos técnicos do Rio, mas que em vários outros momentos do trabalho de campo voltou a aparecer, inclusive fazendo referência aos esportes que, por não terem tradição no país em sua versão feminina, não tem esses modelos a oferecer, e o quanto isto faz diferença psicologicamente para as atletas que o praticam.

No grupo das atletas do Rio, elas também disseram do quanto lhes é caro ter alguém em quem se “espelhar”: uma outra atleta que lhe sirva de modelo por ter obtido o êxito aspirado por ela. Os participantes do grupo dos técnicos no Rio reafirmaram a importância para as atletas do “espelho” nos êxitos do futebol, agora personificado na figura da Marta, do “espelho” no sucesso em um mundo que se apresenta com

tantas dificuldades para alcançá-lo e do “espelho” nos jogadores homens bem-sucedidos e valorizados pela mídia.

Os técnicos de São Paulo também destacaram, sem usar a expressão “espelho” mas no mesmo sentido, a importância do país ter “ícones” que possam servir de exemplo para os atletas e o quanto isso representará em termos de motivação quando os ícones nacionais começarem a existir.

➤ **Contraposição do esporte como construção da cidadania ao esporte competitivo**

Nos grupos dos técnicos, treinadores, professores, árbitros e responsáveis por projetos sociais nas duas cidades, o único momento de tensão e discordância, ainda que em clima cordial, ocorreu quando os objetivos últimos perseguidos pelo esporte de rendimento e pelo esporte de inclusão social de alguma forma se confrontaram. O texto do relatório deteve-se longamente nos detalhes da discussão travada nos dois grupos, mas, aqui, reduzindo em muito o debate, apenas chama-se a atenção para o fato de que parece existir um *continuum* que tem em cada extremidade os interesses “puros” de cada uma das dimensões esportivas e que os projetos sociais vão se situando em pontos intermediários deste *continuum* não apenas em termos de suas propostas, mas também de suas promessas.

Assim, de um lado ter-se-ia o esporte de inclusão social, que visa primordialmente “transmitir através do esporte conceitos básicos de cidadania e valores como disciplina e respeito” (Vitale, 2007), e de outro, o esporte de alto rendimento, que visa principalmente os resultados que se pode obter em cada modalidade em termos de superação de marcas esportivas, do estabelecimento de novos recordes e de êxitos em competições nacionais e internacionais, que não deixa de valorizar as demais qualidades pessoais tidas como correlacionadas à prática do esporte, mas trata delas em termos de “efeitos colaterais positivos”.

Contudo, esporte de inclusão e esporte de alto rendimento baseiam-se nas mesmas regras definidas nacional e internacionalmente para a prática de cada modalidade esportiva. No Rio de Janeiro havia representação no GF dos técnicos de um projeto que privilegia totalmente a inclusão social, tomando inclusive a liberdade de estabelecer suas próprias regras para o basquete praticado na rua, desde que estas propiciem o ingresso e a permanência dos jovens em um ambiente sadio, que propicie sua formação cidadã e os resgate de outras influências não tão positivas às quais estão expostos em seus locais de moradia. Isto abriu um questionamento sobre até que ponto a iniciativa, ainda que reconhecida por todos como louvável, pode ser classificada de esporte.

Ainda no mesmo GF do Rio, abriu-se a segunda frente de discussão nesta temática e que viria a ser a predominante no GF de São Paulo: considerando a precariedade das condições de prática esportiva das populações menos favorecidas socioeconomicamente, até que ponto os projetos sociais, mesmo seguindo todos os trâmites exigidos pelas federações e confederações esportivas, pode (e deve) acenar para os seus participantes com a possibilidade de “chegar lá”. A partir dessa relevante questão surgiram duas posições divergentes entre os projetos sociais representados nos GFs: a dos que acham que mostrar as possibilidades de êxito

(ainda que sejam remotas para a maioria) é “abrir a porta do sonho” e aqueles que pensam que isso é plantar a frustração. Estes últimos argumentam que a mídia, ao falar dos êxitos de alguns, não passa a idéia de que aquilo é para poucos e cria ilusões.

Até onde falar de possibilidades é iludir e até onde é viabilizar a existência de sonhos? Nas outras profissões também existem grandes dificuldades de êxito profissional e ascensão social e não se desestimula o adolescente de tentar ser médico ou engenheiro. Ser um atleta é muito mais que ser um campeão: é ter a chance de ser um cidadão.

➤ **A importância do apoio da família (para o bem e para o mal)**

A certeza de que, em um mundo esportivo não patrocinado nem por empresas e nem pelo governo e nos quais os clubes desempenham um papel bem pequeno de apoio, sem o empenho total da família as atletas não têm condições de se manter em atividade, foi uma percepção hegemônica entre todos os entrevistados nos diversos grupos, ainda que com ênfases muito diferenciadas: como poderia se esperar, tendeu a ser mais forte nos grupos de responsáveis nas duas cidades e na das atletas, com mais destaque entre as atletas cariocas.

**No Rio de Janeiro:**

• *No GF dos responsáveis:*

Os responsáveis deixaram claro que, além da disposição de ajudar e apoiar, é necessário ter recursos para fazê-lo, uma vez que é necessário cobrir despesas com transporte, alimentação, roupas e sapatos adequados, viagens para participar de competições relevantes para marcar pontos no currículo da atleta e assim por diante. Em função disso, neologismos foram criados e ganharam força na linguagem dos responsáveis como o PAITROCÍNIO e PAIPARAZZI.

Vale chamar a atenção não apenas para as diferentes possibilidades materiais das famílias para assumirem responsabilidades tão amplas como também para as diferentes posturas dos responsáveis, que denotam reafirmação ou transgressão dos assim chamados papéis tradicionais de gênero. De um modo geral, os pais presentes ao grupo atribuíram-se a missão de arcar com os custos financeiros (quando podiam) e as mães/avós responsabilizavam-se pelo “acompanhamento” mais próximo das atletas. Contudo, havia posições bem diferenciadas de como deveriam e poderiam comprometer o seu tempo com esta tarefa, que iam desde a dedicação integral da mãe ao acompanhamento da filha em suas atividades cotidianas relativas ao esporte até o compromisso apenas de comparecer às competições quando possível em respeito às próprias atividades pessoais e profissionais.

• *No GF das atletas:*

Quase todas as atletas disseram perceber como facilidade principal para a prática do esporte, quiçá a única, o apoio da família para incentivar, arcar com as despesas de transporte e de acesso às competições, para elevar a “auto-estima” e para todos os demais aspectos também levantados pelos responsáveis nas suas falas.

Mesmo destacando o lugar privilegiado que reservam ao papel da família – “a única facilidade que eu encontro é a coisa da família porque o resto é tudo para te atrapalhar, entre aspas, porque é muita coisa contra você para uma coisa te favorecer” –, as atletas também destacaram os momentos em que a família atua negativamente: sua participação nas competições pode ser “constrangedora” por expressarem publicamente uma torcida desmedida ou por expressarem em altos brados suas opiniões a favor ou contra a atuação da “sua” atleta, sendo motivo de “zoeira” para ela; o ceticismo da família quanto ao “talento” ou a capacidade da atleta também pode ser motivo de desestímulo e desistência para a atleta.

Muitas vezes também a família apresenta, no seu interior, posições antagônicas quanto à atleta, opondo pais e mães sobre o assunto, mas gerando um mecanismo compensador para a atleta que, se não tem o apoio total e incondicional de seus responsáveis, pelo menos é amparada por uma parte da família. Foram citadas situações de preconceito da mãe *versus* a admiração do pai, de estímulo da mãe *versus* a crítica contundente do pai que foi jogador da mesma modalidade e assim por diante. Contudo, há convergência para a idéia de que “se você mostra resultados”, o reconhecimento tende a aparecer e as oposições tendem a se acabar:

#### **Em São Paulo:**

- *No GF dos responsáveis:*

Com muito menos ênfase do que os responsáveis do Rio, os de São Paulo destacaram a importância positiva da família nas seguintes atividades/funções:

- ⇒ Apoio financeiro.
- ⇒ Construção de um ambiente de equilíbrio dentro de casa.
- ⇒ Permanente fonte de estímulo à carreira das atletas.
- ⇒ Acompanhamento da atleta apesar dos outros afazeres dos membros da família.

O fato novo no GF de São Paulo foi o de os próprios responsáveis terem levantado aspectos negativos da participação da família, coisa que apenas as atletas, pessoalmente, haviam feito na pesquisa do Rio. Foram mencionados como ações negativas da família:

- ⇒ Presença que atrapalha nas competições porque faz o atleta se exigir mais.
- ⇒ Excesso de cobrança sobre o atleta.
- ⇒ Controle paterno sobre a prática esportiva. Como exemplo foi citado o caso de pais que anotam em um caderninho o tempo que suas filhas obtêm na natação, tendo em vista a importância assumida pelo tempo nesta modalidade esportiva.

#### **➤ A importância do papel do técnico**

Destaque no GF dos responsáveis no Rio de Janeiro. Em sua maioria, os responsáveis afirmaram ser de grande importância o papel desempenhado pelo técnico, quase sempre exercendo uma influência positiva sobre as atletas e sendo um

importante parceiro da família principalmente no reforço do lugar que o “estudo” (entendido como a frequência à escola regular) deve ocupar na vida das atletas e do bom desempenho escolar paralelamente ao desempenho esportivo. Em algumas situações de carência da família, o(a) técnico(a) arca até mesmo com algumas despesas da atleta. De maneira residual, alguns responsáveis mencionaram também o papel desmotivador que o(a) técnico(a) pode desempenhar quando atua no sentido de evidenciar a “falta de futuro” daquela atleta na modalidade esportiva que pratica.

As atletas do Rio também referiram a influência positiva ou negativa do técnico como sendo um fator facilitador ou dificultador.

#### ➤ **A importância do estudo paralelamente ao esporte**

Este é um ponto que conseguiu a unanimidade entre os responsáveis pelas atletas entrevistados no Rio de Janeiro. Como bem resumiu uma mãe: “Reunir estudo e esporte é tudo!”

Como no caso do encaminhamento de seus filhos e filhas para o esporte, também neste tema, a experiência de vida dos pais tem um peso muito grande no sentido de que os que se sentiram preteridos no mundo do trabalho por não terem tido mais estudo, “se formado”, são mais enfáticos em sua preocupação com a possibilidade de que suas filhas, por causa do esporte, releguem o estudo ao segundo plano.

Quanto ao desempenho escolar das filhas atletas, o grupo dividiu-se entre aqueles que vêm no esporte um concorrente perigoso ao “estudo” e aqueles que vêm no esporte uma possibilidade de ganhos paralelos que auxiliam na vida escolar, como a organização e a disciplina. Do lugar em que se colocam quanto a esta questão, avaliam a atitude e os resultados de suas filhas na escola regular.

#### ➤ **A importância do “grupo”, das amigas e das “boas companhias”**

Outro aspecto bastante ressaltado pelos responsáveis do Rio de Janeiro foi o papel do “grupo” na vida da atleta. A palavra grupo foi usada para nomear tanto a equipe de um esporte coletivo praticado pela atleta como as demais participantes de uma equipe de atletas de um esporte individual. O fazer parte do grupo significa se sentir apoiada e estimulada a continuar. As atletas do Rio também mencionaram este pertencimento como uma facilidade para a sua prática esportiva.

Na mesma direção os responsáveis do Rio apontam para o peso das amigas, consideradas capazes de facilitar o caminho das meninas para uma vida por eles considerada adequada ou para o inverso. Em função disso, somente as “boas amigas” são valorizadas. A julgar pelas falas dos responsáveis na pesquisa, as “boas amigas” são aquelas com meninas de “boa família”, meninas que dedicam mais tempo ao estudo e ao esporte do que às atividades de lazer. Tais indicações apontam também para a existência de preconceitos de classe.

#### ➤ **Apoio da equipe versus competitividade**

Destaque no GF das atletas do Rio, este debate emergiu no bojo da conversa sobre fatores facilitadores quando, ao falar da importância do pertencimento ao “grupo”, as atletas fizeram um conjunto de considerações sobre a questão correlata da competitividade, da rivalidade entre as atletas. Seria a competitividade um elemento

impeditivo da solidariedade na equipe? Haveria distinções importantes quanto a isso em se tratando de esportes individuais ou coletivos? Qual o papel das relações pessoais sobre o efetivo mútuo apoio nas equipes?

Partindo da percepção hegemônica das atletas de que a rivalidade e a disputa são parte da cultura geral da sociedade, que existem em todos os lugares e que podem gerar coisas perversas ou ser uma “rivalidade saudável” que respeita e convive com o companheirismo e tentando responder a essas perguntas à luz das informações prestadas pelas atletas, pode-se dizer inicialmente que elas estiveram bem longe de chegar a um consenso sobre o assunto. Em debate acalorado, ainda que sempre cordial, o único que gerou um momento em que todas falaram ao mesmo tempo e foi necessária a intervenção da facilitadora, algumas achavam que o apoio da equipe era sempre possível em qualquer modalidade esportiva; outras, que ele só era possível em condições especiais; outras achavam que ele era mais possível nos esportes coletivos e outras achavam que havia pouca diferença entre modalidades coletivas ou individuais. As atletas do Rio destacaram também o preconceito social – “pobres” *versus* “ricos” – como outra razão de falta de solidariedade na equipe. No entanto, havia consenso sobre a influência benéfica das relações de amizade sobre o tipo e a intensidade do apoio que a equipe podia prestar a seus membros individualmente.

#### ➤ **As atletas e os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro**

Pelo fato de a pesquisa realizar-se no Rio de Janeiro e em São Paulo, não houve questionamento específico sobre a realização dos Jogos Pan-Americanos no mês de julho de 2007. A idéia era ver se o assunto surgiria espontaneamente para perceber até que ponto o evento estava na cabeça das pessoas entrevistadas nos dois municípios. De fato ele apareceu e era algo muito presente para as atletas cariocas e relativamente distante dos participantes dos diversos grupos paulistanos, tendo sido destaque apenas no GF dos responsáveis.

- No Rio de Janeiro, no GF das atletas, o assunto do Pan emergiu ainda no bojo da discussão sobre competitividade *versus* apoio da equipe. As atletas estão muito mobilizadas com a realização da competição em sua própria cidade de residência e levantaram os seguintes aspectos:
  - ⇒ A importância de ver/participar de eventos esportivos internacionais como meio de conhecer as estratégias e os estilos das equipes dos outros países e para a questão do “espelho”.
  - ⇒ Não vão ganhar ingresso e os preços são muito caros para comprar, mesmo pagando meia-entrada.
  - ⇒ Uma consequência séria da limitação à assistência dos jogos é a perda de oportunidade de motivar/conquistar crianças, jovens e adultos para a prática esportiva, que poderia ser facilitada pela participação mais próxima no evento.
  - ⇒ O fato das obras estarem atrasadas e isto não trazer vantagem relativa de treino no próprio local da competição para as atletas brasileiras e, principalmente, para as que residem na cidade do Rio de Janeiro.

- Em São Paulo, no GF dos responsáveis pelas atletas, o assunto emergiu espontaneamente, tendo sido as referências feitas sempre pelos seus aspectos negativos:
  - ⇒ As atletas paulistas não falam do Pan e o seu desinteresse pelo evento leva até a questionar o seu amor pelo esporte: teriam elas feito uma opção de vida pelo esporte ou apenas estavam gostando de praticá-lo neste momento específico de sua vida?
  - ⇒ As obras que estão sendo feitas no Rio para o evento estão atrasadas.
  - ⇒ Falta divulgação para o evento.
  - ⇒ Não se consegue comprar ingressos mesmo quando há interesse.

➤ **A importância da escola no encaminhamento da vida esportiva**

Destaque no GF dos responsáveis em São Paulo. Enquanto os responsáveis no Rio estavam preocupados com o desempenho escolar das atletas e com a possibilidade do esporte inviabilizar o estudo em paralelo, os de São Paulo dedicaram sua atenção à centralidade do papel da escola como *locus* privilegiado para a iniciação da prática esportiva como ocorre em outros países. Achem fundamental o incentivo ao esporte educacional. Ressaltaram, no entanto, que, atualmente, este papel não vem sendo desempenhado porque, mesmo aquelas escolas que dão oportunidade e oferecem alternativas para que as crianças experimentem diversas modalidades esportivas, não oferecem possibilidade de continuidade para nenhuma delas; e porque as escolas públicas não têm recursos para ampliar o período de permanência dos alunos na escola para propiciar a prática de esporte em um turno diferente. Tal situação gera um total desvinculação entre escola e prática esportiva, propiciando uma situação de “concorrência” no uso do tempo das crianças e adolescentes. Os responsáveis acham razoável esperar também da escola que ela propicie aos alunos em geral um ambiente de convívio equilibrado e uma política de incentivo aos alunos esportistas que poderia ser uma política de concessões de bolsa escolar até a universidade.

➤ **A importância dos clubes para a continuidade da vida esportiva**

Destaque no GF dos responsáveis de São Paulo, a importância dos clubes no Rio fora tema apenas da discussão dos técnicos. Na percepção dos responsáveis por atletas em São Paulo, os clubes são uma das poucas alternativas de continuidade da prática esportiva para maiores de 18 anos, problema percebido como central para a prática esportiva das meninas no município.

Os principais pontos levantados no bojo desta discussão em São Paulo foram:

- O apoio propiciado pelo clube aos atletas: discutiu-se tanto que esse apoio existe somente para os sócios como também que, em caso de reconhecimento do grande talento do postulante, alguns clubes aceitam “militantes”. Outros entrevistados eram de opinião que o clube muitas vezes não dá o apoio devido nem para os sócios, até porque um atleta custa caro ao clube.
- O clube não paga para as atletas de outros clubes que são recrutadas para completar a equipe do clube em competições.
- O clube não faz esforço para ampliar as possibilidades de práticas esportivas para as meninas e oferece condições diferenciadas segundo o sexo, privilegiando os meninos.

- O clube só investe em atletas bem-sucedidos que darão “retorno” tanto com seu esforço pessoal de treinamento como em termos de sucesso.

### ➤ **Vantagens e desvantagens do esporte**

Atletas e não-atletas em São Paulo foram convidadas, em forma de “rodada”<sup>12</sup>, a eleger uma coisa que percebiam como vantagem da prática esportiva e, ao contrário, uma que percebiam como desvantagem.

- *Na percepção das atletas de São Paulo:*
  - ⇒ Existem muitas vantagens advindas da prática esportiva. A principal delas é fazer amigos, mas outras citadas foram: ser feliz, ter bem-estar, ser alegre, aprender e ensinar, ampliar o autoconhecimento, aprender a trabalhar em grupo, aprender a conviver com a diferença, mudar a cabeça e não pensar em coisas ruins, conhecer lugares e pessoas novas, ganhar mais responsabilidade, forma de não se estressar e ter saúde. A menção à saúde como “efeito colateral positivo” do esporte foi contestada por uma atleta que disse “não haver saúde no esporte de alto rendimento”. Esta importante questão também foi explorada pelos participantes do GF dos técnicos de São Paulo, como já foi destacado.
  - ⇒ Do lado da desvantagem ou o esporte é idealizado como sem “efeitos colaterais negativos” apesar das dificuldades enfrentadas para a sua prática ou instalou-se uma pequena polêmica sobre a questão do tempo que aparecera nas dificuldades apenas como excessivo no transporte até o local do treino. Assim, aproximando-se às colocações de outros grupos, levantaram a questão da falta de tempo em si e para fazer outras atividades essenciais como freqüentar a escola, preparar os trabalhos escolares e o convívio familiar. Outras atletas contra-argumentaram que ficar sem tempo compensa, tais são as vantagens percebidas no esporte. A questão do preconceito, principal fator dificultador percebido, foi retomada, e as atletas do judô voltaram ao seu calcanhar de Aquiles: o controle de peso para manter-se na categoria na qual disputam suas competições.
- *Na percepção das não-atletas de São Paulo:* como acontece em algumas “rodadas” nos GFs, o efeito repetição foi intenso – praticamente todas as entrevistadas declararam a saúde e o aumento da auto-estima como os principais benefícios do esporte e não perceberem desvantagens na prática esportiva. Somente três não-atletas mencionaram desvantagens: a possibilidade de envolvimento em briga no esporte; a possibilidade de se machucar durante o jogo; e o fato de que “às vezes a pessoa se empenha muito só no esporte e acaba esquecendo das outras obrigações como estudar. Não pode ver esporte só como atividade principal”.

---

<sup>12</sup> Pergunta dirigida a todas com a expectativa de que todas respondam na seqüência em que estão dispostas no círculo. Tem a vantagem de contar com a manifestação de todas e a desvantagem de propiciar o efeito repetição.

## **Existência de estereótipos de gênero no esporte: um tema transversal**

A preocupação de levantar se, na percepção dos diversos atores ouvidos na pesquisa, havia condições diferenciadas para homens e mulheres praticarem esporte nos municípios pesquisados esteve presente todo o tempo na condução dos trabalhos, tornando a assim chamada “questão de gênero” um tema transversal.

Não houve grupo no qual ele deixasse de ocupar parte considerável do tempo das discussões, ainda que os aspectos percebidos e enfatizados pelos entrevistados tivessem variações e pesos diferenciados como foi destacado ao longo deste relatório.

Houve grupos nos quais o tema já surgiu na rodada inicial de apresentação, denotando a urgência que se tinha de tratar dele, como foi o caso dos GFs das atletas e dos responsáveis do Rio de Janeiro. Os técnicos de São Paulo fizeram do tema quase o fio condutor do debate.

A questão dos estereótipos de gênero foi em geral abordada a partir da idéia central de que há predeterminação social das modalidades que são próprias para homens e para mulheres, e das dificuldades decorrentes deste dado cultural. As principais delas sendo: o preconceito contra as meninas que praticam determinados tipos de esporte, principalmente o Futebol, e a não valorização em nosso país das vitórias femininas no esporte, exigindo das mulheres esforços extras para fazer suas conquistas.

Foram sempre as falas relativas à prática do futebol as que mais nitidamente explicitaram a existência de preconceito contra as meninas que praticam determinados esportes considerados “masculinos”. Não por acaso estereótipos de gênero foram também percebidos no caso da prática do Taekwondo e de outras lutas que faziam parte das modalidades legalmente interditas às mulheres até pouco tempo atrás.

Em razão do caráter hegemônico assumido pela discussão em torno da prática feminina do futebol em todos os GFs, aqui se dedica espaço específico para esta questão.

De um lado temos hoje um cenário nacional que supervaloriza o futebol masculino – a ele e a seus expoentes individuais são dedicados 90% dos noticiários esportivos e a paixão da torcida. De outro lado temos uma subestimação do futebol feminino que, além de ser estigmatizado (e talvez por isso mesmo), não é valorizado, não tem torneios significativos, não é devidamente reconhecido e conta com poucos espaços para a sua prática regular, em locais distantes das periferias e sem segurança. Isso a despeito de já ter obtido alguns importantes êxitos internacionais como, por exemplo, o título de melhor jogadora do mundo em 2006 conferido pela FIFA à atacante Marta, de 20 anos, hoje jogando fora do país por não ter tido espaço no Brasil para profissionalizar-se.

Muitos dos responsáveis pelas atletas que praticam essa modalidade esportiva que participaram do GF no Rio, principalmente as mães, mas não somente elas, não

esconderam o seu desagrado pela escolha das filhas e, apesar de estarem “conformadas” com esta escolha, chegaram ao sentimento de resignação depois de fazerem inúmeras tentativas de removê-las para outra modalidade esportiva “mais romântica” e “que combinasse mais com o perfil dela”. Para atingirem o conformismo de hoje precisaram desenvolver um esforço para respeitar as filhas, mas continuam achando o esporte inadequado, “sem graça” e sem futuro.

Já no GF dos responsáveis de São Paulo, as posições das mães pareciam mais equilibradas que no Rio, dividindo-se entre uma aceitação sincera da opção das filhas pelo futebol e a discordância explícita dessa escolha. Neste grupo ouviu-se desde a fala de uma mãe que espontaneamente escolheu o futebol como modalidade esportiva para a sua filha pequena que demonstrava “gostar de bola” até as críticas a mudanças corporais nas meninas que praticam futebol, usadas como forma de reforçar o preconceito (e que foram de pronto rebatidas por outra mãe). Ouviu-se ainda o relato de quem já presenciou o questionamento da orientação sexual de sua filha pelo fato dela jogar futebol.

Aliás, o questionamento da orientação sexual dos atletas é uma das mais incômodas consequências para as atletas da existência dos estereótipos de gênero no esporte e foi mencionada de forma isolada em diversos GFs nos dois municípios, provavelmente pelo desconforto que causa. Há uma tendência a chamar de “macho” as meninas que praticam determinados esportes considerados masculinos e, de maneira menos usual, de “mulherzinha” os meninos que praticam esportes considerados femininos ou que perdem das meninas em esportes mistos porque são tidos como fisicamente mais fortes que elas. No GF dos técnicos de São Paulo, dois argumentos específicos foram levantados contra isso: o esporte não altera a orientação sexual de ninguém; a diferenciação da força física entre meninos e meninas só ocorre com as transformações hormonais ocorridas na adolescência.

Sobre o questionamento da orientação sexual das meninas a partir de sua prática esportiva, assim se expressou GOELLNER (2006, p. 4): “Agrega-se ao discurso da masculinização da mulher a associação entre a aparência corporal e a identidade sexual, ou melhor, a suspeição de que a mulher que habita esse corpo ‘viril’ vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres a partir de um referente que não aquele considerado ‘normal’, qual seja o da heterossexualidade. Essa associação toma como sinônimas as identidades de gênero e as identidades sexuais e opera no sentido de fixar essas identidades a partir de uma representação linear entre sexo-gênero-sexualidade.”

De forma não hegemônica surgiu, tanto no GF dos técnicos do Rio de Janeiro como no de São Paulo, a idéia de que o preconceito de gênero encontra-se em fase de redução, o que viria a beneficiar em especial as mulheres. Associada a essa, apareceu a visão da valorização do esporte como algo próprio da nova geração, apontando para relevantes diferenças geracionais sobre o assunto e denotando mudanças culturais no tempo, aí incluídas as opiniões das meninas sobre o interesse acerca do futebol: teriam passado das não-espectadoras de ontem às esportistas de hoje.

Ainda no GF dos técnicos, de maneira original, foi dada ênfase especial à questão das diferenças existentes entre homens e mulheres em nossa sociedade, ao menos na forma hegemônica de pensar. Como disse uma participante, é bom que haja diferenças. Elas “tornam a coisa mais dinâmica”. Na seqüência, levantaram algumas das diferenças que percebem e que interferem na prática esportiva de ambos os sexos:

- Diferenças de expectativas: o que se cobra do menino e da menina – que o menino comece a se sustentar sozinho mais cedo, que vença sempre as competições entre meninos e meninas; que a menina seja cuidadora dos irmãos mais novos.
- Diferenças entre os modelos estéticos femininos e masculinos: os primeiros sendo mais mutáveis e os segundos mais permanentes no tempo e nas diversas culturas. Em função dos modelos estéticos questiona-se a participação das mulheres em várias modalidades esportivas por causa das transformações que a prática efetivamente impõe aos seus corpos.
- Diferenças no acesso e na recompensa de participação em alguns esportes: não há mulheres na Fórmula 1 e a premiação nos torneios de tênis é menor para as mulheres (somente agora isso começa a se modificar).
- Diferença de condições nos jogos, remetendo à questão da adaptação das modalidades esportivas para torná-las mais acessíveis às mulheres e “tornarem o jogo mais bonito”. As adaptações já foram feitas em diversos esportes como no vôlei e no Handebol e ainda não chegaram ao futebol, gerando dificuldades extras para as atletas do futebol feminino de campo. Afinal “o homem é muito mais forte do que a mulher”. Tal argumentação gerou reações do tipo “mas a mulher tem uma capacidade de resistência maior desde que submetida a um trabalho aeróbico bom”. Um exemplo disso é a redução do tempo das mulheres nas maratonas, que está tendendo a uma aproximação cada vez maior de resultados entre homens e mulheres.

Além do que foi dito explicitamente sobre a questão de gênero nos diversos GFs, muitas falas davam involuntariamente conta da interiorização dos papéis de gênero hegemônicos em nossa sociedade:

- Alguns responsáveis expressavam com naturalidade sua divisão de funções no cuidado com a atleta – pais suprindo os recursos financeiros necessários (quando podiam) e mães “acompanhando” as meninas em suas obrigações esportivas para apoiá-las e protegê-las dos perigos externos.
- Outros responsáveis expressavam como sendo universais os desejos de verem suas filhas envolvidas em práticas mais “românticas” e adequadas à sua natureza. Tal essencialidade justificava o seu desestímulo à que suas filhas continuassem a desenvolver atividades esportivas tidas como masculinas como, por exemplo, o futebol.
- As próprias atletas “defendiam-se” do que consideravam preconceito decorrente de sua prática esportiva “transgressora” em função da modalidade eleita, dizendo que podem ser muito “machos” no momento dos jogos e lutas e serem absolutamente “femininas” em todas as demais horas e locais, usando “salto alto e roupas em tonalidade rosa”. Argumentos que, em última instância, reforçam os estereótipos de gênero.
- Algumas atletas também “retribuíram” o preconceito que sentem sofrer por parte dos meninos, discriminando-os também e atribuindo-lhes uma série de

“defeitos” como brutalidade, incapacidade de trabalhar em grupo, menor empenho na obtenção dos seus objetivos, serem mais influenciáveis, serem menos afetivos etc.

- Algumas atletas classificam, elas mesmas, o esporte que praticam como “masculino”, tomando como um dado este estereótipo de gênero que pretendem ilegítimo e cujo desaparecimento propugnam.

Houve também, no GF dos técnicos de São Paulo, a menção da existência de projetos de valorização da mulher no esporte que têm como objetivo desmistificar os estereótipos de gênero ainda que partam deles. Exemplo: o projeto “Mulheres que fazem o Brasil Brilhar”, patrocinado pela Bombril, cujo nome é uma clara alusão ao fato de que as mulheres podem fazer brilhar algo além das panelas.

Os resultados da pesquisa reforçam a conclusão de que “os estereótipos de gênero operam em todos os âmbitos da vida social e cultural das pessoas: do trabalho, do familiar, do educativo, das atividades físicas e esportivas, da ocupação e do tempo livre”. (MIRANDA e ANTUNEZ, 2006, p. 3)

Como chamaram a atenção três atletas do Rio de Janeiro, demonstrando reconhecer que sem mudança de valores culturais a situação prática não se altera, o problema do preconceito está no “pensamento das pessoas” e está sendo superado aos poucos a partir do esforço persistente das atletas que buscam com paixão o seu lugar no esporte, ainda que tenham acessado tardiamente a alguns deles.

A primeira coisa eu acho que é o pensamento, as pessoas deveriam atualizar o pensamento, pensar mais para frente, nada de a mulher ou o homem, eu acho que o sol nasce para todos; os direitos são iguais, se a pessoa gosta (de um determinado esporte), deveria fazer. Eu acho que o que impede é isso é o pensamento das pessoas.

Eu acho que, como elas falaram, realmente é a questão do preconceito porque a maioria dos esportes, todo mundo fala que é esporte para homem, tanto futebol, judô, quanto atletismo, qualquer um. É esporte para homem por quê? Porque os homens conseguiram chegar antes da gente?

Mas eu acho que as mulheres hoje em dia estão mostrando para a sociedade que nós somos capazes de mostrar o nosso potencial. Eu acho que antigamente, competição, campeonato, olimpíadas, tinham muitos homens, até hoje, são os homens que ganham e hoje em dia eu acho que as mulheres estão mostrando que nós somos capazes e que nós temos o nosso valor.

## Bibliografia

ADELMAN, M. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. *Revista Estudos Feministas*, v.12, p. 445-65, 2003.

ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. Mulheres Praticantes de Rugby: discutindo gênero a partir de um universo cultural predominantemente masculino. In: **ANAIS DO VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 2006. Florianópolis. [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/T/Thais\\_Rodrigues\\_de\\_Almeida\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/T/Thais_Rodrigues_de_Almeida_21.pdf). p 1 - 7.

BARBEIRO, Heródoto. Esportes (p. 210 a 217). In: "**O Brasil no contexto: 1987-2007**" / Jaime Pinsky (organizador). São Paulo: Contexto, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Na "Pátria das Chuteiras" as Mulheres não Têm Vez. In: **ANAIS DO VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 2006. Florianópolis. [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf) p 1-6.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero: uma breve introdução. In: NEVES, Maria da Graça Ribeiro das, COSTA, Delaine Martins. **Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs**. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madrid: Instituto de La Mujer, 1995. 106 p. p. 9-14.

IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Perfil dos Municípios Brasileiros, Esporte 2003. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

MIRANDA, Nora Edith; ANTUNEZ, Marta Suzana. Los Estereótipos de Gênero em Iãs Practicas de Actividades Físicas y Deportivas. In: **ANAIS DO VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 2006. Florianópolis. [Http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/a/antunez-miranda\\_21.pdf](Http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/a/antunez-miranda_21.pdf), 2006. p 1 – 7.

PAN MOLEQUE: Liberdade para menores. *O Globo*, 24 fev. 2007.

TEIXEIRA, Marina Sidrim. A condição feminina no Brasil. In: **COSTA, Delaine Martins e NEVES, Maria da Graça Ribeiro das (org.)**. A Condição Feminina nos Países do Mercosul. Sistema Integrado de Indicadores de Gênero nas áreas de Trabalho e Educação. Rio de Janeiro. IBAM, 2002.

VALPORTO, Oscar: A trajetória feminina no esporte tem obstáculos semelhantes aos desafios em outras áreas. *O Globo Zona Sul*, 8 de março de 2007.

VITALE, Marcos in Aulas de solidariedade na praia. Caderno Cidade. *Jornal do Brasil*, 17 de março de 2007.